

02-  
07 AGOSTO



**EMIGRAÇÃO  
PARA FRANÇA**

*emigration to france*



FILMES 2014  
**HOMEM**  
FESTIVAL DE DOCUMENTÁRIO DE  
**MELGAÇO**

*melgaço documentary film festival*



# ÍNDICE

**3** MENSAGEM  
PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL

**4** APRESENTAÇÃO  
FILMES DO HOMEM 2014

**6** CONTUDO, ELA MOVE-SE:  
A EMIGRAÇÃO PORTUGUESA  
DOS ANOS SESSENTA

*alBERTINO GONÇALVES*



**10** O CINEASTA  
DA EMIGRAÇÃO

**11** FILMOGRAFIA  
DE JOSÉ VIEIRA

**13** ENTREVISTA  
A JOSÉ VIEIRA

*carLOS EDUARDO VIANA*

**18** JOSÉ VIEIRA, CINEASTA-CRONISTA  
DA IMIGRAÇÃO PORTUGUESA  
EM FRANÇA

*José Da SILVA RIBEIRO*

**22** MANUEL MADEIRA  
CRÓNICA DE UM EMIGRADO  
À ESPERA DE REGRESSAR

*patRÍCIA NOGUEIRA*

**25** PROGRAMAÇÃO  
FILMES DO HOMEM 2014

**29** SINOPSES  
FILMES DO HOMEM 2014

**36** DÊ UM SALTO  
A MELGAÇO

**41** EXPOSIÇÕES  
POR UMA VIDA MELHOR

*gÉRALD BLONCOURT*

**54** MUSEU DE CINEMA DE MELGAÇO  
JEAN LOUP PASSEK  
EXPOSIÇÃO DE CARTAZES

**55** LABORATÓRIO DE VÍDEO  
WORKSHOP PARA JOVENS DOS 14 AOS 18 ANOS

**56** PLANO  
FRONTAL

# MENSAGEM

## PRESIDENTE DA CÂMARA MUNICIPAL

Partindo do facto incontornável de que temos o único museu do Cinema do País, resultante da entrega que Jean Loup Passek fez a Melgaço de si e do seu incalculável espólio, achamos que fazia sentido ousar um festival de cinema documental que se centrasse em temáticas atinentes às vivências dos melgacenses.

Dessa vontade e da parceria com a associação **AO NORTE** nasceu **FILMES DO HOMEM – Festival de Documentário de Melgaço**. Este ano tem como tema a emigração para França, fenómeno que marcou indelévelmente muitas gerações de melgacenses e que Jean Loup procurou retratar nos seus documentários os quais lhe permitiram conhecer o nosso povo e apaixonar-se definitivamente por ele e pelo nosso território... esta, estamos certos, é hoje também a sua terra.

O festival pretende ser uma oportunidade de nos conhecermos melhor e para que nos conheçam mais, procurando que Melgaço ganhe uma nova marca/ evento cultural que o promova e projecte.

Queremos que Melgaço durante os dias do Festival, seja um lugar de encontro, reflexão, discussão, aprendizagem, partilha de experiências e de conhecimento. As gentes de Melgaço têm muito para oferecer e partilhar, nas questões ligadas à emigração e à fronteira.

Este ano, **FILMES DO HOMEM**, será marcado por uma vasta programação de exibição de documentários, a acontecer na vila e em várias freguesias, seleccionados em função do tema do ano: emigração para França; por exposições, workshops para os mais jovens, plano frontal - recolha de histórias de vida de emigrantes, recolha de fotografias junto dos emigrantes e das suas famílias, e por uma ligação a Arbo: vamos levar o cinema documental e uma exposição aos nossos vizinhos de Arbo.

Todos estão convidados a participarem activamente.

O Presidente da Câmara Municipal de Melgaço  
**Manoel Batista Calçada Pombal**



# FILMES DO 2014 HOMEM

FESTIVAL DE DOCUMENTÁRIO DE  
MELGAÇO

*meLgaço documentary film festival*



## APRESENTAÇÃO FILMES DO HOMEM 2014

A Câmara Municipal de Melgaço e a Associação AO NORTE organizam **FILMES DO HOMEM - Festival de Documentário de Melgaço**, iniciativa que pretende promover e divulgar o cinema etnográfico e social, refletir com os filmes sobre **identidade, memória e fronteira**, e contribuir para um arquivo audiovisual sobre a região.

**FILMES DO HOMEM** será marcado por três eixos principais: programação a partir de uma **mostra competitiva** de documentários candidatos ao prémio **Jean Loup Passek** e com filmes convidados; realização de **Fora de Campo**, um Seminário de Verão desenhado a partir do tema anual escolhido para o Festival; **produção**, a partir de uma residência cinematográfica, de documentários sobre a região, que vão enriquecer o acervo do Espaço Memória e Fronteira.

Esta primeira edição, que consideramos a edição zero do Festival, não incluirá a mostra competitiva e o seminário, iniciativas que serão lançadas em 2015.

**FILMES DO HOMEM 2014** tem, como tema central, **a emigração portuguesa para França**. Reúne realizadores de diferentes gerações, alguns dos quais viveram de perto os tempos mais difíceis da emigração, como Manuel Madeira ou José Vieira, ou autores, também emigrantes, que interrogam o passado através da experiência vivida pelos pais, como Maria Pinto, Noémie Mennelle ou Nuno Pires, cineastas franceses que filmaram a vida e a



JOSÉ VIEIRA  
EM FOCO

luta dos emigrantes portugueses, como Patrick Séraudie, Robert Bozzi e Dominique Dante, ou portugueses que se interessaram pelo tema, como Catarina Alves Costa e João Pedro Rodrigues.

**Em Foco**, a obra de José Vieira, um realizador que vive e trabalha em Paris e é autor de uma extensa filmografia sobre a emigração.

Quisemos, também, prestar a nossa homenagem a Gérald Bloncourt, o fotógrafo de origem haitiana que, a partir dos anos 50, acompanhou a vida dos emigrantes portugueses em França. A exposição Por Uma Vida Melhor, que reúne 106 fotografias do autor, poderá ser visitada, com a colaboração com o Museu da Emigração de Fafe, na Casa da Cultura de Melgaço e em Arbo, na vizinha Galiza.

Como é nossa intenção que os filmes possam ser vistos e debatidos por um número alargado de pessoas, serão projetados documentários nas freguesias de Paderne, Lamas de Mouro, Cristóval e Castro Laboreiro.

Em Melgaço, em agosto, esperamos por si. ●

A Direção da AO NORTE

EMIGRAÇÃO  
PARA FRANÇA  
*emigration to france*



# CONTUDO, ELA MOVE-SE: A EMIGRAÇÃO PORTUGUESA DOS ANOS SESSENTA

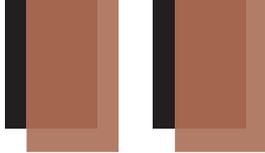
*ALBERTINO GONÇALVES*

Em Portugal, sempre se emigrou. As excepções prendem-se com constrangimentos externos, tais como as duas Guerras Mundiais e a crise de 1929, ou com optimismos internos esporádicos, como durante a adesão à Comunidade Económica Europeia. Os surtos de emigração alcançam, frequentemente, dimensões alarmantes: no início do século XX, nos anos sessenta e na actualidade (segundo o Instituto Nacional de Estatística, no ano de 2013, emigraram 128 000 portugueses). O perfil da emigração altera-se histórica e geograficamente. Quanto ao recrutamento: ora no litoral, ora no interior, ora no campo, ora na cidade. Quanto ao destino: até à década de 1950, predominou o Brasil; na década de 1960, a França; hoje, o Reino Unido, Angola, a Alemanha e a Suíça. Quanto à composição: camponeses, operários, técnicos... Quanto ao estatuto: legal ou clandestino. Portugal conheceu várias modalidades de emigração. Neste momento, está a experimentar a emigração qualificada. Descrita assim, abstractamente, a emigração parece um jogo de tabuleiro. Mas não é, trata-se de um jogo e de um tabuleiro com muitas vidas dentro.

A emigração dos anos sessenta, apesar de recente, está em vias de completar um ciclo. O jovem que partiu da aldeia é agora avô. E a terceira geração, a dos netos, até não se importa de cantar o fado e de realizar filmes sobre as origens.

Os avós emigraram de todo o país, mormente do Norte e do Centro interior. Em determinadas regiões, já existia uma tradição de emigração para a Europa, sobretudo para Espanha e para França, beneficiando, assim, de conhecimentos prévios e de redes de apoio. Alguns emigrantes confidenciam que partiram para conhecer o mundo para além do horizonte. A curiosidade levou-os longe.

O que motivou tamanha deslocação? Antes de mais a miséria sem esperança, acoplada à convicção de que a vida podia ser melhor, mas não na terra natal. O desafogo do volfrâmio e o contrabando funcionaram como centelhas. Os professores queixam-se, nos anos quarenta, às autoridades que as crianças faltavam à escola para trabalhar na “frota”. Quando eclodiu a Guerra do Ultramar, já o surto emigratório ia embalado. Apressou, não obstante, decisões. Os testemunhos de emigrantes, ilustrados com sinais de



Fotografia: Gérald Bloucourt

riqueza, também contribuíram, mas, tal como a Guerra do Ultramar, mais como fermento do que como causa.

A emigração para o continente europeu conheceu fases distintas.

Até meados da década de sessenta, era principalmente masculina. Caracterizava-se pelo agrupamento de conterrâneos. A vida repartia-se entre o trabalho e o alojamento, situado este, amiúde, em bairros de lata, como o de Champigny, ou nos estaleiros das empresas. Os contactos com Portugal eram escassos e os domingos intermináveis. As férias em Portugal, mais longas e menos regulares, dispersavam-se pelos meses do ano.

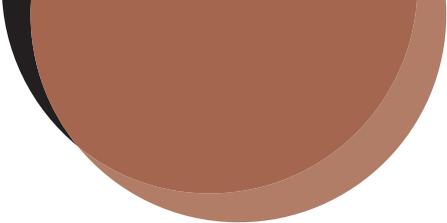
A partir de meados da década de sessenta, assiste-se a um aumento da emigração feminina, enquadrada no reagrupamento familiar. Esta nova afluência melhorou a qualidade de vida das famílias e contribuiu para a sua abertura à sociedade de acolhimento. A residência tendia a localizar-se junto ao emprego da mulher. Com os homens ausentes no trabalho e no transporte, coube às mulheres assumir grande

parte das tarefas do agregado doméstico. Uma ou outra permanece, apesar de tudo, masculina: por exemplo, a ida aos bancos, portugueses, quase sempre ao fim-de-semana, para transferir as poupanças.

A terceira fase, a partir dos anos setenta, acompanha o crescimento dos filhos, decisivo na exposição à sociedade de acolhimento, ao nível da língua, da escola, das amizades, do lazer, da comunicação... São tempos de viragem e de incerteza. O emigrante dos anos sessenta partiu com um projecto quase obsessivo de regresso. Insinua-se e acentua-se, agora, as dúvidas. Muitas famílias, apreensivas, antecipam o regresso. Mas a maioria permanece no estrangeiro, sem descurar, contudo, os laços com a cultura portuguesa.

Nenhum surto emigratório teve tanto impacto no País como o dos anos sessenta. Retenhamos apenas alguns efeitos de incidência local.

Do ponto de vista económico, o crescimento dos serviços, do comércio e da construção civil assentou,



quase exclusivamente, nas poupanças dos emigrantes, no aumento do consumo e na explosão da habitação. Trata-se de um desenvolvimento não sustentável, frequentemente, oportunista.

As consequências demográficas são as mais graves e as mais duradouras. O decréscimo demográfico é abismal. Por exemplo, Melgaço, entre 1960 e 1991, perdeu 2/5 da população residente (-40,6%). A esta quebra da população, acrescenta-se um envelhecimento com proporções inéditas. Em 1950, contavam-se, neste mesmo concelho, três jovens por cada idoso; em 2002, a proporção inverte-se: três idosos por cada jovem. Este envelhecimento é provocado pela quebra da natalidade, pela saída dos jovens e dos adultos e pelo regresso dos emigrantes em idade avançada. A desertificação e o envelhecimento constituem os maiores desafios dos concelhos do interior.

As regiões com maior incidência de emigração funcionaram como plataformas de mobilidade geográfica: uns partem para o estrangeiro e para as cidades: outros acodem dos concelhos vizinhos para compensar as saídas; por último, parte dos emigrantes regressa. O impacto social e cultural não pode ser ignorado.

Na relação com o tempo e com o espaço, os ritmos alteraram-se radicalmente. Os acontecimentos relevantes passaram a concentrar-se no verão, oscilando a vida entre dois extremos: a lentidão invernal e a aceleração estival. A paisagem, por seu turno, renovou-se. Pintalgou-se com um sortido de casas com implantação, por vezes, improvável. Introduziram-se novos modos de habitar: os sonhados pelos emigrantes mas também os adoptados pelos residentes. Outras componentes dos estilos de vida tão pouco ficaram imunes: o comer, o vestir, o lazer, o falar...

A emigração clandestina transformou-se num símbolo prezado pela comunicação social, pelas artes e pelas letras. Cerca de um em cada dois emigrantes cruzou a fronteira a salto. Uma experiência arriscada, sofrida, eventualmente dramática. Houve presos e mortos. Os relatos tendem a culminar na chegada a França. Mas a clandestinidade, mais do que uma travessia, era uma condição. Com ou sem os “papéis franceses”, o emigrante clandestino continua ilegal face às autoridades portuguesas. Vir de férias era complicado. O salvo-conduto “valia” até à fronteira. Entrava-se discretamente em Portugal; meses mais tarde, voltava-

-se a sair a salto. Nem em casa se estava seguro. Ainda menos em Espanha, durante o regresso a França. Graças à colaboração estreita entre as autoridades portuguesas e espanholas, muitos foram capturados, inclusivamente próximo de França. Nas cartas e nas crónicas dos jornais regionais, o principal pedido ao Estado português consistia na amnistia e na legalização da emigração clandestina.

Pouco apontada, mas notável, é a abertura ao mundo proporcionada pela emigração. O cosmopolitismo das gentes dos recantos mais recônditos do País é espantoso. É extraordinário constatar como tanta experiência do mundo cabe em lugares aparentemente tão isolados.

A propósito de abertura, importa estar atento à actividade dos emigrantes no estrangeiro. O ciclo, afinal, ainda não se fechou. Os “portugueses do estrangeiro” têm vindo a assumir uma presença relevante na arte e na cultura das sociedades de acolhimento. Recorde-se, ao nível do cinema, *Les Triplettes de Belleville* (2003) e *La Cage Dorée* (2013). A terra move-se. A realidade e as pessoas, também. ●





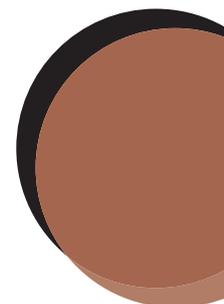
*José Vieira*

## EM FOCO

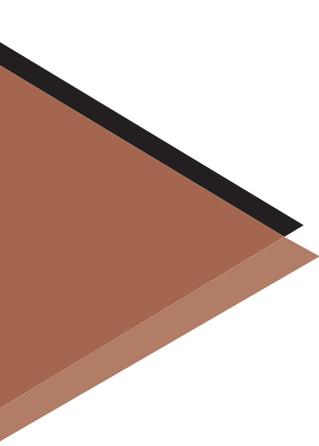
### O CINEASTA DA EMIGRAÇÃO

**José Vieira**, realizador de origem portuguesa, vive e trabalha entre Portugal e França. Depois de 1985 realizou cerca de trinta documentários, nomeadamente para a France 2, France 3, La Cinqüème e Arte. A sua obra, dedicada sobretudo à problemática da emigração, tem sido exibida nos mais diversos festivais internacionais de cinema. José Vieira tem dado visibilidade à história de um milhão de portugueses que saíram do país nos anos sessenta, a maioria clandestinamente - "a salto", como se dizia -, no que foi a maior migração humana na Europa do século XX. Nasceu em Oliveira de Frades e partiu para França em 1965, com sete anos de idade. A sua experiência pessoal como emigrante e as muitas histórias que foi ouvindo de outros emigrantes inspiram o seu trabalho mais recente como realizador. Partindo de histórias individuais, traça o retrato da emigração em França, recuperando toda uma memória coletiva. Os documentários de José Vieira são fundamentais para conhecermos a história dos milhares de portugueses que, durante o Estado Novo, procuraram uma vida melhor. ●

# FILMOGRAFIA DE JOSÉ VIEIRA



- 2014: **Souvenirs d'un futur radieux** documentário, 78'
- 2013: **Crónica do renascimento de uma aldeia** (Chronique de la renaissance d'un village), documentário,, 83'
- 2012: **O pão que o diabo amassou** (Le pain que le diable a pétri), documentário, 80'.
- 2010: **Le bateau en carton**, documentário 80' – France Ô, Telessonne.
- 2009: **Os Emigrantes** (Les émigrés), documentário 75' – France Ô.
- 2009: **A primavera do exílio** (Les printemps de l'exil), documentário, 52'.
- 2008: **Le drôle de mai**, crónica dos anos de lama (Le drôle de mai, chronique des années de boue),, documentário 52' - France Ô, Telessonne.
- 2005: **O país aonde nunca se regressa** (Le pays où l'on ne revient jamais), documentário 52' - France 3.
- Les gens du Salto**, DVD com o filme La photo déchirée, com 6 filmes de 13 a 40 min, testemunhos e arquivos. Entre os filmes do DVD:  
Les chants du déserteur, documentário 26', Telessonne, France Ô.  
Seixas, Paris, Londres, documentário 26', Telessonne, France Ô.
- 2002: **Contre feu**, documentário 26' – France 3 Aquitaine, N.TV Porto, Odyssee.
- 2001: **A fotografia rasgada** (La photo déchirée), documentário 53' – France 2, RTBF, RTP 2, Histoire, TV5, TV Ontario, France ô, RTPI, Canal Historia, TV 3 Catalunya, Telessonne.
- 2000: **Clairvivre, enquête sur une utopie**, 52' - France 3, Histoire.
- 1999: OM, **société anonyme e Rêve de foot** (na série "Sport en jeu"), documentários, 2 x 26' – France 5.
- 1998: **Chronique cosmopolite**, documentário, 52' – ARTE, TVE.
- 1997: **Le mystère du papier amoureux**, documentário, 26' – France 5
- 1996: **L'école au cœur de la vie** 13'. ONISEP
- L'enlèvement de Marianne** 16'. Filme realizado com alunos da escola Collège Garcia Lorca à St Denis.
- 1995: **La double vie des Rodrigues** – documentário 26' – ARTE.
- 1994: **Les compagnons de la pizza** – documentário 26' – Difusão Télé Emploi.
- Les italiens au charbon** – documentário 10' – Difusão France 3 "Faut pas rêver".



1993: **En attendant Rio...** - documentário de 28' - ARTE.

**Tableaux d'une exposition** (Séville 92) documentário 20' - Difusão ARTE.

1992: **Les pionniers du Sud-west.** documentário 52' - Difusão "Traverses" FR3.

1991: 9 episódios de 1'30 da série "Souvenirs, souvenirs" - Difusão La Sept.

**La lettre à Inès** documentário-ficção 6' - Difusão "Rencontres" FR3.

**Le pays qui semait des étrangers** documentário 6' - Difusão "Rencontres" FR3.

1990: 7 documentários de 26' da série "**Racines**":

Dolce Gascogne  
Perestroïka à Ste Geneviève  
Les camps oubliés  
Planète adoption  
Nouvelles clandestines  
Notre terre qui êtes aux cieux  
Y a-t-il un français sur le terrain ?  
Difusão FR3, Planète.

1989: **Fatima à Paris** Reportagem 6' - Difusão "Rencontres" FR3.

**Libérez Otelo** documentário 10' com Renaud e Siné. Pela libertação de Otelo de Carvalho. Difusão "Im'Media"

1988: Argumento e realização da exposição itinerante: **Le rêve portugais** - 25 ans d'immigration portugaise en France.

1987: Co-realização de uma emissão "**Ensemble aujourd'hui**" Portugais de France, 1 hora. Difusão FR3

1986: **La vierge nostalgie** documentário 20'. Difusão TV Monde.

**Fado blues** documentário-ficção 20'. TV Monde - ISMM.

1985: **Week-end** en Tosmanie Reportagem-ficção 26'. ISMM.

# ENTREVISTA A JOSÉ VIEIRA

Entrevista conduzida por **Carlos Eduardo Viana**

**O José Vieira tem dedicado muitos dos seus filmes aos emigrantes portugueses em França. Porque sentiu a necessidade de lhes dar voz ?**

Eu sabia, pelo facto de a ter vivido em direto, que a imigração portuguesa tinha sido um êxodo violento. Eu era criança, mas lembro-me perfeitamente das odisséias que as pessoas dos bairros de lata contavam para vir para França, das burlas de que tinham sido vítimas às mãos dos empregadores. Por vezes, acompanhava o meu pai às administrações para servir de tradutor e bem via o desprezo com que era tratado. Enfim, a imigração não foi para nós um mar de rosas. E, com o tempo, criou-se o mito de uma imigração portuguesa que, contrariamente a outras imigrações, se teria adaptado à França sem qualquer problema. Assim se afastou a dimensão dolorosa e conflituosa desta história. Como dizia o sociólogo Pierre Bourdieu, a França só aborda o problema dos imigrantes quando os imigrantes lhe “causam problemas”. E como as pessoas felizes não têm história, os portugueses não tinham, portanto, nada para contar. Conseguem imaginar que este discurso a negar a História, este “storytelling” como se diz hoje, era insuportável para nós, filhos de imigrantes. O que me parecia primordial era contar por que motivo as pessoas tinham saído de Portugal e por que motivo desembarcavam em França naquelas condições. Então, parti à procura destas odisséias clandestinas, ouvidas no bairro de lata, como alguém que corre atrás dos



sonhos de criança e que pensa que é ao confrontar os seus relatos com os dos outros que vai conseguir encontrar uma memória coletiva e que faz a sua história. Em 2001, realizei o filme “A foto rasgada”. Nunca então teria imaginado que a viagem nesta história se prolongaria ainda em 2014. Então, para responder à sua pergunta, eu não senti a necessidade de dar a palavra aos imigrantes portugueses porque eu não estou fora desta história. Senti a necessidade de tomar a palavra para desconstruir um discurso dominante que fabricava o esquecimento, na tentativa de esboçar uma memória coletiva e uma história comum a todos aqueles que fugiram de Portugal nos anos 60 e a todos os imigrantes seja qual for a sua origem. Com uma ideia simples em mente: a imigração revela o sistema capitalista em toda a sua injustiça e ganância. Como prova, jornais franceses que pesquisavam sobre os imigrantes nos anos 60 publicavam artigos intitulados “Os escravos dos tempos modernos” e “O tráfico dos pobres”. Até o Paris Match publicava sobre o “Tráfico dos Portugueses”.

**Partiu para França em 1965, com sete anos de idade. A sua história pessoal e a sua experiência como emigrante influenciaram a sua atividade como realizador ?**

Mais do que ter influenciado a minha atividade de realizador, a minha experiência na imigração criou esta atividade. Foi por eu querer contar por onde tínhamos passado que me tornei realizador. Foi o meu ponto de

partida, o meu “ponto de vida” como diria Jean Vigo. Mas a imigração não se resume àquela que eu vivi. Trabalhei sobre outras imigrações em França no século XX, como a dos Italianos, dos Russos, dos Polacos e mais recentemente dos Romenos. Sempre com o cuidado de registar relatos de imigração na duração histórica, na História social e política. Nunca foi a minha intenção realizar filmes comunitários. Àqueles que evocam os meus “filmes sobre os portugueses”, eu respondo que faço filmes sobre a imigração com pessoas que vêm de Portugal. Não é um detalhe, é uma recusa em fechar-me na minha própria história e dela partir em direção às outras. Porque, mais do que nunca, a nossa história faz eco na atualidade. Os relatos das viagens dos Portugueses para a França nos anos 60 fazem-nos mergulhar na atualidade de um mundo onde os homens arriscam a sua vida para fugir da miséria. Africanos morrem afogados ao atravessarem o estreito de Gibraltar. Chineses morrem sufocados por camiões. Existe alguma diferença entre um camponês português que fugia sem passaporte em 1965 e um camponês chinês que desembarca sem papéis em França em 1995? À partida, o seu projeto é libertar-se da pobreza e viver com dignidade, nada mais.

**Através dos seus filmes é possível mergulhar na história e nos problemas da emigração portuguesa em França. Em A Fotografia Rasgada partilha as memórias de muitos portugueses que partiram para França “a salto”. Em que medida essa viagem “a salto” representava uma rutura, um corte com Portugal ?**

“O salto”, a emigração clandestina para o norte da Europa nos anos 60, é o maior êxodo e o mais brutal que Portugal alguma vez conheceu ao longo da sua história. “O salto” que despejou aldeias inteiras em certas regiões de Portugal é, antes de mais, uma rutura na história que Salazar pretendia escrever com a espada numa mão e a charrua na outra. É um acontecimento político sem precedentes, “ um plebiscito

pelos pés” contra o regime, que obrigou Portugal a virar-se para a Europa. Entre 1960 e 1970, fomos 1400000 portugueses a fugir do país. Porque se trata de uma verdadeira fuga, vivida primeiro como uma rutura, não com Portugal, mas com o regime de Salazar, com a miséria e a guerra. É claro que é doloroso emigrar e partir para o desconhecido. Mas eram poucos aqueles que então imaginavam que seria uma partida definitiva. Porque esta emigração “a salto” traz em si o imaginário daqueles que são obrigados a partir em busca de uma vida melhor: partir, tornar-se alguém, regressar. Era uma evasão ( a emigração é então considerada um crime) por alguns anos, o tempo de se livrar da pobreza e da guerra. A esperança de regressar ao país natal atenuou a violência do exílio, até ao momento em que, alguns anos mais tarde e por vezes demasiado tarde, os imigrantes se aperceberam que o regresso era impossível. A rutura com Portugal dá-se quando as pessoas se apercebem que estão condenadas a ficar em França e que nunca se emigra impunemente. Cada imigrante consegue datar esta rutura na sua história. Um dia, perguntei à minha irmã mais velha se a viagem para França tinha sido uma rutura para ela. Não, ela situava a rutura no momento em que, três anos mais tarde, regressámos pela primeira vez de férias a Portugal. Ela, adolescente, que tanto tinha sonhado regressar aos seus amores antigos, já não se reconhecia naquele país encolhido no passado. Foi então que compreendeu que o seu futuro era em França.

**No documentário O País Aonde Nunca se Regressa, interroga o seu pai sobre os primeiros tempos em França. Como muitos emigrantes, por vezes, prefere o silêncio. Uma tentativa para apagar memórias de tempos difíceis ?**

O meu pai emigrou quando já tinha 48 anos. Para ele, a emigração foi um verdadeiro pesadelo, “uma descida aos infernos”. Não se adaptou à ideia de se tornar

estrangeiro de um momento para o outro, de ser o homem que não tem palavras para se defender. Ele nunca aceitou a ideia de ser obrigado a viver num bairro de lata, de ser reduzido à categoria de mão de obra pelo “serviço de estrangeiros” do ministério do Interior. Quando ele foi para a reforma, em 1980, voltou para Portugal com uma pequena reforma e nunca mais quis pôr os pés em França. A minha mãe sonhava em viver lá e cá, em ser uma avó nómada. Mas para o meu pai, a França foi uma fase dolorosa que ele queria apagar de vez da memória. Voltar a França seria reencontrar um conjunto de lembranças tristes. Porque os primeiros tempos da imigração foram para ele, bem como para a maior parte dos imigrantes da sua geração, uns anos bem difíceis. Desapossados do presente pela migração do regresso, viveram anos de submissão e sacrifícios. Com a pressa de voltar, deixaram-se devorar pelo trabalho. Esta febre do regresso deixou sequelas irreversíveis nos corpos e nas mentes. Em busca de uma vida melhor, deixaram-se esgotar pelo trabalho e ali deixaram a saúde. Eram então imigrantes reduzidos a uma força bruta de trabalho, corpos demasiado expostos, vidas contaminadas pelo trabalho sujo. Em 1996, os trabalhadores imigrantes representavam 18% dos operários da construção, eram vítimas de 39% dos acidentes de trabalho. Foi preciso compensar salários de miséria com incontáveis horas extraordinárias nas fábricas e nas obras. Hoje, quando falam dessa época, ouço os que imigraram dizerem com frequência: “Nós fomos escravos”. Quando falam da sua imigração, falam de frio, de solidão, de equações com muitas incógnitas, de um inverno na sua vida. Durante os primeiros anos, as pessoas, principalmente as que moravam nos bairros de lata, viveram na angústia da expulsão. Lembro-me que o meu pai nos dizia sempre que ali não era a nossa casa, que a França podia expulsar-nos de um dia para o outro. Mas o mais difícil para o meu pai foi, sem dúvida, “ter perdido” os seus filhos nesta tormenta que é a imigração. No filme, sem a formular, ele coloca-nos esta questão: não é verdade que a imigração traz muitos mais prejuízos em comparação com os benefícios económicos que ela possa trazer?

### **No filme, o seu pai lamenta ter levado os filhos para França. Esse sentimento de amargura pelo afastamento familiar que o seu regresso a Portugal trouxe, pode ser generalizado e entendido como uma das consequências da emigração ?**

Sim. A imigração condena os imigrantes a uma sequência de ruturas e separações. Nas minhas filmagens, encontro filhos que viveram separados dos pais que tinham ido para França, pais que regressaram a Portugal e que vivem longe dos filhos que ficaram em França. Nas aldeias de emigração, as pessoas falam-me sem cessar da ausência. Também encontro pessoas que partiram e que se recusaram a viver longe das suas famílias, que não aguentaram o desenraizamento. Tendo partido para fugir da miséria, recusaram-se a submeter-se à servidão da imigração, a integrar a mão de obra estrangeira e “desertaram”. As suas histórias provam a brutalidade que os outros tiveram de enfrentar para saírem da clandestinidade, para conseguirem a legalização e uma habitação decente, para não serem explorados. O que estes “in-submissos” da imigração dizem revela a violência feita aos que partem.

Mas a imigração é feita de paradoxos. Em “Lembranças de um futuro radioso”, o último filme que realizei, é assim que respondo ao meu pai quando ele lamenta ter-nos levado para França: “sempre me disseste que o grande erro da tua vida foi ter-nos obrigado a emigrar. Não, fizeste o que tinhas de fazer, o que um pai deve fazer pelos seus filhos. Salvaste-nos de uma ditadura temível, de uma guerra colonial, de um país onde apenas o passado parecia presente, onde a palavra Liberdade era uma blasfémia.”



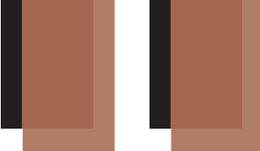
1400000 PORTUGUESES  
A FUGIR DO PAÍS.

**Na voz off diz que “Nunca se regressa ao país que se deixou”. O regresso era o sonho de qualquer emigrante, mas esse regresso, depois de uma vida de trabalho, parece transformar-se sempre num novo dilema, numa nova rutura?**

O regresso, principalmente para as mulheres, é frequentemente uma rutura ainda mais violenta do que que tinha sido a partida para a França. Imagine que passa toda a sua vida a trabalhar como um louco para o regresso e que, no momento em que finalmente pode concretizar o seu plano, se apercebe de que tal já não é possível. Os imigrantes apercebem-se então que a imigração engendra sonhos impossíveis porque traz consigo a ausência que destrói os laços com o lugar onde era suposto serem realizados. O desencantamento é terrível. Esta utopia do regresso, que tinha dado sentido às suas vidas, desmorona-se. Ficaram a tal ponto cegos pelo mito do regresso, que não se aperceberam que seria difícil voltar após tantos anos? Nesta situação dramática (alguns caem em depressão, por vezes até se suicidam) os imigrantes são incapazes de constatar a realidade a não ser sob a forma de um universo fraturado. Para eles não há “continuidade territorial” entre a emigração e a imigração, entre a França e Portugal. Estes dois mundos, que a sua experiência deveria ter aproximado, afastam-se à medida que o tempo passa e que eles envelhecem. Eles sofrem por não pertencerem a lugar nenhum. Alguns deles vivem agora em trânsito, divididos entre os dois países. Para atenuar esta dupla ausência, tentam viver em perpétua viagem. Uma vez reformados, não conseguem fixar-se num único lugar, então muitos fazem constantes idas e voltas entre os dois países. Condenados a deambular entre dois mundos, fixam nas suas mentes as vantagens dessa situação: pensam numa França como uma outra terra natal e num Portugal como uma França idealizada.

**Em Crónicas do Renascimento de Uma Aldeia, os emigrantes já não pensam no regresso e contam-nos o difícil caminho que foi chegar e construir uma vida a partir de uma aldeia em ruínas. Graças ao trabalho desses portugueses, La Roche Blanche e outras aldeias vinhateiras da região de Auvergne foram salvas da ruína. Será este um bom exemplo de integração na sociedade francesa?**

Acho que se deve evitar falar de bons ou de maus exemplos. Falemos antes de experiência de integração. Apesar das dificuldades colocadas pela chegada de um grande número de famílias portuguesas nos anos 60, estas aldeias foram palco de uma espantosa experiência de integração de estrangeiros na sociedade francesa. Mas uma integração “conseguida” tem as suas exigências. O presidente da câmara e professor de La Roche Blanche que, em 1973, anuncia na televisão que há 67% de filhos de estrangeiros na sua escola, não o faz simplesmente para denunciar a sua presença mas para dizer que pretende assumir o desafio do seu futuro na aldeia. Ele sabe que a presença destes estrangeiros é essencial para o futuro da comunidade da qual ele é o eleito. Para os portugueses que vivem há cinquenta anos nestas aldeias, a consciência de serem eles os principais responsáveis por este salvamento está bem viva e passa de uma geração à outra. A sua chegada tinha sido um período difícil marcado por um trabalho esgotante, mas, ao mesmo tempo, uma verdadeira epopeia que os enraizou definitivamente. Este forte sentimento de apropriação de lugares determinou uma forma original de sociabilização para estas famílias que contrasta com o que se constata em geral na imigração portuguesa. Elas não procuraram transferir para as suas aldeias de acolhimento um modo de vida e práticas sociais importadas das aldeias que tinham deixado. Elas não procuraram reduzir estas aldeias em vias de abandono ao mero suporte de uma vida comunitária fechada sobre si mesma.



**No mesmo filme, alguns dos emigrantes referem que continua a existir alguma incompreensão e falam mesmo em situações pontuais de xenofobia. Durante a rotação dos seus documentários sentiu, nas pessoas que filmou, marcas desta exclusão, desta dificuldade de pertença, por inteiro, a um lugar, a uma sociedade?**

Começaria por responder à sua pergunta com outra pergunta : Por que motivo, já que se diz tratar-se de imigrantes tão bem integrados, têm os seus filhos e os seus netos tanta necessidade de se reivindicar “Portugueses”? Se a questão se coloca é porque há descontentamento. E eu senti este descontentamento ao longo de toda a filmagem. A maioria dos habitantes que interroguei tinha um olhar distante e paternalista quando falava dos Portugueses que vivem no seu meio já por cinquenta anos. Aqueles habitantes não sabiam nada da história dos portugueses, do seu país de origem. A resposta às minhas perguntas era sempre a mesma:” Correu tudo muito bem, eles são trabalhadores e corajosos, sabem ocupar o seu lugar”. E “ocupar o seu lugar” significa calar a sua história e manter-se discreto. Para se adaptar, os imigrantes mostraram uma “estratégia de evitamento” com a qual já estavam habituados por causa da ditadura em Portugal. Mas, não falar disso publicamente não significa que não se tem nada a dizer sobre o assunto. Significa precisamente que as pessoas guardam isso dentro de si, “como uma ferida”, como diz um homem no filme. Certamente, tal chegada em massa de imigrantes causou problemas. Toda a imigração cria conflitos. Quando os imigrantes chegam em número, aqueles que os veem chegar sentem-se invadidos. A imigração portuguesa não foge à regra. É o que dizem certas pessoas no filme.

**Um dos intervenientes diz “O meu país é aqui.” (França), outro afirma “Sou francês, sinto-me auvergnat”. Como interpreta estes sentimentos e opções?**

De uma forma muito simples. Pensamos, sonhamos e exprimimo-nos em francês. Então não há nada mais natural do que dizer que o nosso país é a França. Mas uma questão subsiste: como sentir-se “Francês”, depois de ter sido discriminado durante tanto tempo por ser estrangeiro?

**Qual é o seu próximo projeto?**

Neste momento, estou a terminar um filme que conta a história cruzada de dois bairros de lata construídos com 40 anos de intervalo, no mesmo território, fora da cidade, em Massy, nos arredores do sul de Paris. O filme confronta a história do bairro de lata em que vivi com a dum bairro de lata de Romanos. Os olhares cruzados sobre estas duas imigrações, atravessados por atualidades dos anos 60 e dos anos 2000, interrogam-nos sobre a hospitalidade, sobre o tratamento infligido pela França aos seus estrangeiros, esboçam uma memória comum dos bairros de lata e são o testemunho de que a imigração é uma história. A história de pessoas que lutam para sair da miséria, e que perseveram, apesar das discriminações, na sua luta por uma vida melhor. ●

**Julho de 2014**

# JOSÉ VIEIRA

## CINEASTA-CRONISTA DA IMIGRAÇÃO PORTUGUESA EM FRANÇA

JOSÉ DA SILVA RIBEIRO

O realizador José Vieira nasceu em Oliveira de Frades tendo ido para França aos 7 anos de idade em 1965. Viveu os primeiros anos de estada em Paris no Bidonville de Massy – um lugar liminar onde se descobria as diversas regiões de origem dos imigrantes, se vivia na miséria e convivia com liberdade, se descobriam novas realidades e oportunidades de trabalho. Com 16 anos confronta-se com as mudanças políticas em Portugal (revolução de abril) através das canções de Luís Cília e José Mário Branco que conheceu e mais tarde viriam a ser personagens de seus filmes. Desde muito cedo torna-se militante nos movimentos cívicos dos emigrantes, no FASTI – movimento de solidariedade com as pessoas imigradas e nascidas nos anos sessenta nos bidonvilles da região parisiense, no CEDEP – Coletivo de Estudos e Dinamização da Emigração Portuguesa onde se torna responsável pelo audiovisual, participa na marcha para a igualdade do movimento Convergence 84, no Mouvement Beur.

Estes foram os fatores que levaram José Vieira a fazer filmes sobre a imigração portuguesa em França. O catolicismo e o salazarismo enraizado na escola que frequentou em Portugal durante pouco tempo e nos migrantes que habitavam o bidonville. O estigma de ter de ocultar suas vivências perante os colegas de escola em França e seus amigos em Portugal. As esperanças que abril de 1974 abriu, Vieira viveu-as fora da comunidade dos imigrantes portugueses em

França pelas canções e mais tarde pela participação movimentos de solidariedade com os emigrantes em que participou. Estes fatores marcaram profundamente sua obra.

Entre 1989-1990, Vieira trabalhou na série *Racines da France 3* com Gérard Noiriel, sobre diversas comunidades migrantes radicadas em França. Foi o período intenso de formação e trabalho sobre arquivos que viriam a orientar sua vida profissional ligada ao cinema e às migrações. Aborda as múltiplas facetas da imigração – o salto ou imigração clandestina, a integração, a memória do processo migratório, a impossibilidade do regresso...

Em *Weekend en Tosmanie* (1985), seu primeiro filme, retrata uma comunidade fechada sobre si própria, que vive o mito do regresso à terra de origem. Regresso que mais tarde considera impossível no filme *Le pays où l'on ne revient jamais* (2006). Se regressar é o sonho do emigrante, ele vai-se adiando, diluindo e no tempo de regresso torna-se impossível uma vez que a readaptação ao país de origem, agora diferente, transformado e que já não é igual ao que se deixou. O filme conta os percursos migratórios de sua família e outras que emigraram e que prometeram voltar. Mais do que o regressar a Portugal, José Vieira mostra que «mesmo se o regresso acontece, quando acontece, é uma nova rutura» e garante que «a emigração deixará para sempre marcas, em quem emigra». As dificuldades de reintegração no regresso

que divide as famílias são abordadas em *Les émigrés / Os emigrados* (2009). Se para uns as redes sociais e familiares ficaram em França para outros, na mesma família desejam o regresso à terra e ao seu cultivo de onde talvez nunca se tenham afastado. Em 1989 concebeu a exposição itinerante *Le Rêve Portugais: 25 ans d'immigration en France* reunindo documentação e a memória da imigração portuguesas em França.

A emigração clandestina ocupa um lugar central na obra de José Vieira com a edição de *Gens du Salto* (2005) que integra 7 filmes sobre a emigração clandestina, *o salto – La photo déchirées / A fotografia rasgada* (2001), *Les chants du déserteur / Os cantos do desertor* (2005), *Seixas, Paris, Londres* (2005), *La traversée pour Paris / A travessia para Paris* (2005), *Un aller simples / Uma ida só* (2005), *Complices d'évasion / Cúmplices de evasão* (2005), *Passagers clandestins / Passageiros clandestinos* (2005). O tema tornou-se uma referência com o filme de Christian de Chalonge *O Salto* (1968) em que se conta a história da fuga à pobreza e à guerra colonial e dura travessia para chegar a Paris. Se o filme Christian de Chalonge é um filme de ficção imbuído de uma forte carga política e ideológica, *Gens du Salto* (2005) de José Vieira aborda histórias vividas de emigrantes que partiram de Portugal sem documentos, partidas silenciosas e impreparadas, povoadas de medos, de aventuras, de futuros incertos, das dificuldades de

regresso decorrentes da própria natureza da saída que só uma amnistia podia, por vezes, tornar legal o que vem a acontecer em 1974.

Em *Le Drôle Mai Chronique des années de boue / O engano de Maio: Crónica dos anos da lama* (2008) José Vieira focaliza três realidades e dois tempos diferenciados: os acontecimentos de maio de 68 em Paris e a vida dos imigrantes portugueses nos *bidonville* nos arredores da cidade em imagens de arquivo e a vozes dos migrantes portugueses que viveram esses acontecimentos quarenta anos depois. Trata-se pois uma narrativa multissituada no tempo. As vozes silenciadas em maio de 68 pelo governo francês, pela omnipresença da polícia política portuguesa e pela dificuldade de compreensão e recusa de participação nos complexos e inesperados fenómenos que estavam a acontecer ganham um papel importante na interpretação da experiência vivida dos anos da lama (*Chronique des années de boue*). O filme gira em torno da narrativa de um homem, José Vieira, em busca da história de imigrantes portugueses apanhados nos acontecimentos do maio de 68. Nos primeiros dias de bom tempo o *bidonville* tornava-se uma aldeia portuguesa. Quando a primavera chegava, a lama começava a secar. No domingo, havia bailes, as famílias encontravam-se. Pairava no ar o cheiro de nostalgia ainda fresca. Mas na Primavera 68, em meados de maio, o ar de repente tornou-se insuportável. A atmosfera envenenada de rumores e medos mais

irracionais. Os imigrantes portugueses tinham vindo para a França para escapar à pobreza. Dedicavam todas as suas forças na procura de uma vida melhor. A revolta de maio constituía uma complexa situação que colocava em risco todos os seus propósitos – o do trabalho e de angariar um pecúlio que os tirasse da miséria de onde partiram mas também a ameaça de serem de serem extraditados de França e de terem de regressar a Portugal de onde, um grande número tinha saído clandestinamente (*a salto*). Os acontecimentos geraram pois junto dos portugueses o medo de serem mandado de volta à miséria que haviam deixado numa situação económica e política particularmente difícil e pior que a da situação de partida. Maio de 68 foi para eles um período de desordem, revolta, e perigo. Dificilmente compreendiam a revolta estudantil e suas palavras mobilizadoras e, sua participação nos sindicatos era reduzida quer pela posição dos sindicatos franceses em relação à imigração quer porque uma grande parte dos migrantes portugueses eram, em Portugal, agricultores, do interior e norte do país, sem qualquer contato com movimentos operários, ou com o exterior (muitos dos migrantes tinham apenas saído de suas terras para cumprirem o serviço militar ou mais raramente para ocuparem os lugares de marçanos nas cidades mais próximas), católicos e conservadores, profundamente marcados pela ideologia do regime do Estado Novo (Salazarismo). Em plena greve geral, dezenas de moradores dos *bidonville*, apenas alguns dos que estavam legalmente, regressaram de emergência a Portugal. Aquando dos acontecimentos do maio de 1968, a imigração portuguesa estava apenas começar a estabelecer-se em França. A maior onda de imigração que França conheceu começou em 1963. Em 1968, havia 300.000 portugueses em França. Maio de 68 vai surpreendê-los e por em causa seus desígnios de regresso para construir a casa no país de origem. Estavam num beco sem saída, de mãos e pés atados, em todas as suas saídas possíveis. Os

acontecimentos do maio de 68 foi um choque para os portugueses recém-chegados. De origem camponesa, e, muitas vezes analfabetos, nasceram e cresceram sob a opressão de Salazar. Em Portugal, a greve era considerada um crime, a acusação e a delação era um sistema instituído como causa nacional, a guerra colonial constituía não só um sorvedouro das remessas dos emigrantes mas uma ameaça para os mais jovens que saíam do país antes de cumprirem o serviço militar obrigatório. Esta imigração foi vigiada e frequentemente confundida com um movimento de emancipação. Muitos entraram em pânico com a ideia de que uma guerra civil poderia eclodir e os comunistas tomar o poder, milhares de portugueses fizeram as malas para voltar a Portugal. Por outro lado, para os adversários de Salazar, que viviam na França, maio de 68 constituía uma grande oportunidade da sua luta contra a ditadura e para o despertar de seus compatriotas para a democracia.

*Le Drôle de mai* (2008) é, segundo Vieira, uma terceira etapa na sua obra que conta os anos que se seguem a 1968, instalação progressiva na sociedade francesa decorrentes das mudanças verificadas em França com o maio de 68 e em Portugal com a Revolução dos Cravos. Os portugueses ainda que aparentemente bem integrados, e muitos, realmente bem integrados, sentem-se, por vezes, considerados como gente sem história e sem voz. O filme restitui-lhes a voz e a história dos anos da lama. Retira-os desse tempo e projeta-os num país que, na altura de realização do filme ainda tinha voz e onde se teciam solidariedades com os migrantes que do Brasil, África ou dos países do Leste se instalavam em Portugal como imigrantes. O trabalho do realizador só se tornou possível por partilhar com eles a história e o percurso migratório porque “se exprimem pouco, de maneira surda, o que torna difícil fazer filmes com eles” (Vieira, 2010).

*Le printemps de l'exil / A primavera do exílio* (2009) dá continuidade à temática *Le Drôle de mai* (2008) apresentando três percursos de exilados políticos que participaram no movimento de maio de 68 - José Mário Branco, Vasco de Castro, Fernando Pereira Marques através da visita a arquivos em franceses e dos testemunhos do regresso a Portugal após a queda da ditadura.

*Em Chronique de la renaissance d'un village / Crónica do renascimento de uma aldeia* (2013) José Vieira inicia um novo caminho a do povoamento de aldeias abandonadas pelos franceses e a reconstrução solidária de casas abandonadas, em estado de degradação e ameaçadas de desaparecimento. Os portugueses tornam-se a população maioritária em La Roche-Blanche, aldeia francesa de Auvergne, Clermont-Ferrand onde cultivam a vinha recuperam o património de uma comunidade vinhateira, sentem a aldeia como sua terra que os faz esquecer de Portugal. Como nos filmes anteriores o filme é construído em dois tempos justaposto – o tempo histórico das imagens de arquivo e o tempo de sua releitura ou dos relatos do percurso migratório e da decisão de permanecer em França. Uma nova etapa do cineasta em que os interlocutores migrantes afirmam a decisão de permanecer em França onde se construiu família e património e em que Portugal ou os países de origem aparecem apenas como país de visita, de turismo, em que a ideia de regresso definitivamente parece abandonada e questionam sua identidade – franceses ou portugueses. Num e noutro lado estrangeiros – portugueses em França, franceses em Portugal. ●

## REFERÊNCIAS

- RIBEIRO, José da Silva (2004), "As palavras e as imagens na investigação em antropologia, práticas iniciáticas e novos desafios" em *Migrações: História, Memória e Imagens*, 191-220, Lisboa: Celta
- RIBEIRO, José da Silva (2008) "Cinema e migrações", Universidade de Santiago de Compostela.
- RIBEIRO, José da Silva (2012) "Imagens e sonoridades migrantes. Mobilidade dos povos e imagens em Movimento" em Cole, Ariane Daniela e Ribeiro, José da Silva (org.) (2012), *Antropologia, Arte e Sociedade*, S. Paulo: Altamira Editorial. Pp 484-495.
- SOUSA, A. Teixeira (1973) *Trabalhadores portugueses e sindicatos franceses na Região de Paris: contribuição para o estudo das suas relações*, *Análise Social*, Ano 10, Nº 39, ICS pp. 508-551.
- VIEIRA, José (2005) *Gens du salto*, Paris: La Huit.
- VIEIRA, José (2008) *Le drôle de mai. Chronique des années de boue*, Paris: La Huit.
- VIEIRA, José (2009) *Les émigrés*, Aléas Production.
- VIEIRA, José (2013) *Chronique de la renaissance d'un village*, 504 Productions.

# MANUEL MADEIRA

## CRÓNICA DE UM EMIGRADO À ESPERA DE REGRESSAR

*patrícia NOGUEIRA*



**FILMES DO HOMEM** não podia deixar de lembrar Manuel Madeira, um pioneiro do cinema da emigração portuguesa em França. O documentário **CRÓNICA DE EMIGRADOS** será projetado na Casa das Artes, no Porto, no dia 21 de julho, pelas 21h30, numa sessão de apresentação do festival, e, de 4 a 7 de agosto, poderá ser visto, a partir das 10h00, no Museu de Cinema de Melgaço Jean Loup Passek.

Aos 78 anos, há muito reformado, Manuel Madeira sonha, a partir do seu apartamento em Paris, com um regresso a Portugal. A saúde não o deixa voltar porque é em França que pode usufruir dos cuidados médicos que precisa.

Carrega a saudade de um país que não o tratou bem e a mágoa de acreditar que passou ao lado de uma carreira cinematográfica que nunca conseguiu verdadeiramente concretizar, apesar de ter circulado entre os grandes realizadores que frequentavam a Cinemateca Francesa nos anos 60. Godard, Truffaut, Rossellini, Manuel recorda que todos o incentivavam a realizar os próprios filmes, mas o português que começou a trabalhar em França na construção civil recusava-se a acreditar nesse sonho que lhe parecia demasiado longínquo.

Ainda estudou Cinema em Lódz (Polónia) e terminou estudos na Sorbonne, em Paris. A sua primeira curta-metragem intitulada “O Circo” foi seleccionada para o Festival de Cannes em 1971 mas Manuel Madeira continuava a acreditar que fazer Cinema era um privilégio dos endinheirados. Sem qualquer apoio familiar, o emigrante tinha de garantir a renda das pequenas águas-furtadas onde vivia nos arredores da capital francesa.

Em 1977 realizou “Crónica de Emigrados”, o filme em que Manuel acreditou para mudar a sua vida. Durante dois anos acompanhou o quotidiano da “Associação Portugal Novo”. Cerca de 200 portugueses aparecem no filme e 50 deles têm um papel activo. “O 25 de Abril trouxe uma espécie de orgulho em ser português e os emigrantes decidiram juntar-se. Era o princípio



do associativismo entre os emigrantes, com toda a importância que essas associações vieram a representar para os portugueses que viviam em França”.

Manuel Madeira ia filmando à medida que o dinheiro sobrava para comprar a película de 16mm. O filme original revela essas fragilidades, de materiais diversos com origens diferentes. A única cópia finalizada foi entregue no Instituto Português de Cinema para legendar, já com projecções marcadas em Paris, mas nunca regressou às mãos do realizador. Todo o dinheiro que tinha investiu no filme e nunca conseguiu qualquer retorno. Sobrou o filme original, mal polido, que foi projectado em associações de emigrantes pela Europa e raras vezes em Portugal a propósito de uma ou outra data festiva.

Nas poucas exhibições do filme as críticas foram unânimes em considerar que Manuel Madeira conseguiu como ninguém captar as angústias e as expectativas dos emigrantes portugueses. O documentário olha os portugueses a partir “de dentro”, com um ponto de vista engajado. Os protagonistas reflectem sobre o passado, tentam organizar o presente, falam sem pudor sobre o regime ditatorial que os oprimiu e mais tarde os excluiu. Manuel Madeira era um deles: “Fazer o filme ajudou-me a aceitar a minha condição de emigrante”.

O passado de Manuel Madeira e o caminho que o levou até França é realmente muito semelhante ao da maioria dos emigrantes. Aos 22 anos, sem trabalho, sem pai e sem futuro fugiu do país “a salto” porque as condições em Portugal não lhe permitiam sobrevi-

ver. Levou na mala a quarta classe e uma paixão pelo Cinema que havia encontrado anos antes no Cineclube de Estremoz, onde dobrava o programa a troco de um lugar sentado com vista para o sonho.

Trabalhou clandestino durante cinco anos na região de Paris, passou pela fábrica de automóveis Renault, até que um amigo viu um anúncio no jornal, a pedir funcionários para um cinema. Convencido de que se tratava de uma sala de cinema banal, Manuel Madeira dirigiu-se ao local e entrou na Cinemateca Francesa. Depois de uma curta conversa com Henri Langlois despediu-se da fábrica e mudou-se para a Cinemateca. Nunca mais largou o Cinema, apesar de ter vivido sempre na periferia da Realização, posição que ambicionava. Foi actor e protagonista de “Meus Amigos” de António da Cunha Telles, trabalhou como técnico de imagem e som, leccionou no Instituto de Altos Estudos Cinematográficos de Paris e na Sorbonne.

Voltou à realização no programa “Mosaique” da estação de televisão France 3 e noutra curta-metragem intitulada “o presépio português”. Em ambos os casos, mais uma vez, Manuel Madeira deita os olhos sobre a emigração portuguesa para a tentar compreender, para lhe dar uma voz. Os anos passam e o tema continua absolutamente actual, como se a cada passo os portugueses se sentissem obrigados a abandonar o país, carregando para fora de Portugal essa mágoa de terem como única saída uma vida além-fronteiras. ●



**CASA DA CULTURA**



**TORRE  
DO CASTELO**



**AUDITÓRIO  
LAMAS DE MOURO**

# PROGRA- MAÇÃO



**ARBO - GALIZA  
PRAÇA CENTRAL**



**FREGUESIA DE  
CASTRO LABOREIRO**



**FREGUESIA  
DE PADERNE**



**FREGUESIA  
DE CRISTÓVAL**

## DIA 21 JULHO

### 21H30 CASA DAS ARTES (Porto)

CRÔNICA DE EMIGRADOS,

de Manuel Madeira  
(França, 1979, 135')

Apresentação do Festival  
de Documentário de Melgaço



## DIA 02 AGOSTO

### 16H30 CASA DA CULTURA

A EXPLICAÇÃO DAS SALAMANDRAS,

de Maria Pinto  
(França, 2006, 52')

Com a presença da realizadora

### 17H50 CASA DA CULTURA

ESTA É A MINHA CASA,

de João Pedro Rodrigues  
(Portugal, 1997, 52')

Com a presença do realizador

### 21H30 CASA DA CULTURA

SESSÃO DE ABERTURA

LE DRÔLE DE MAI: CRÔNICA DOS ANOS DE LAMA,

de José Vieira  
(França, 2008, 52')

Com a presença do realizador



## DIA 03 AGOSTO

### 10H45 AUDITÓRIO LAMAS DE MOURO

A CASA QUE EU QUERO,

de Joana Frazão e Raquel Marques  
(Portugal, 2009, 65')

Filme comentado por Álvaro Domingues  
e Maria Beatriz Rocha-Trindade

### 16H45 CASA DA CULTURA

LISSAC,

de Patrick Séraudie  
(França, 2003, 57')

Com a presença do realizador

### 22H00 TORRE DO CASTELO

- CINEMA AO AR LIVRE

CRÔNICA DO RENASCIMENTO DE UMA ALDEIA,

de José Vieira  
(2013, França, 83')

Com a presença do realizador



### 23H00 ARBO / PRAÇA CENTRAL

CINEMA AO AR LIVRE (Hora Local)

A FOTOGRAFIA RASGADA,

de José Vieira  
(França, 2002, 52')



## DIA 04 AGOSTO

### **18H30 CASA DA CULTURA**

**REGRESSO À TERRA,**  
de Catarina Alves Costa  
Portugal, 1992, 35'

### **19H10 CASA DA CULTURA**

**UMA VIDA NOVA,**  
de Nuno Pires  
(Portugal, 2006, 24')

### **21H45 CASA DA CULTURA**

**A FOTOGRAFIA RASGADA,**  
de José Vieira  
(França, 2002, 52')

### **21H45 AUDITÓRIO LAMAS DO Mouro**

**A FOTOGRAFIA RASGADA,**  
de José Vieira  
(França, 2002, 52')

### **22H00 FREGUESIA DE PADERNE**

(LUGAR DE POMARES) – CINEMA AO AR LIVRE  
**CRÓNICAS DO RENASCIMENTO DE UMA ALDEIA,**  
de José Vieira  
(França, 2013, 83')  
Com a presença do realizador

## DIA 05 AGOSTO

### **18H30 CASA DA CULTURA**

**A GENTE DAS BARRACAS,**  
de Robert Bozzi  
(França, 1995, 88')

### **21H45 CASA DA CULTURA**

**O PAÍS AONDE NUNCA SE REGRESSA,**  
de José Vieira  
(França, 2005, 52')

### **21H45 AUDITÓRIO LAMAS DE Mouro**

**O PAÍS AONDE NUNCA SE REGRESSA,**  
de José Vieira  
(França, 2005, 52')

### **22H00 FREGUESIA DE CASTRO LABOREIRO**

– CINEMA AO AR LIVRE  
**OS EMIGRANTES,**  
de José Vieira  
(França, 2009, 75')



## DIA 06 AGOSTO

### 18H30 CASA DA CULTURA

**CONCIERGES,**

de Andreia Barbosa  
(Portugal, França, 2006, 49')

### 21H45 CASA DA CULTURA

**OS EMIGRANTES,**

de José Vieira  
(França, 2009, 75')

### 21H45 AUDITÓRIO LAMAS DE Mouro

**CRÓNICAS DO RENASCIMENTO DE UMA ALDEIA,**

de José Vieira  
França, 2013, 83')

### 22H00 FREGUESIA CRISTÓVAL

(LUGAR DE S. GREGÓRIO) – CINEMA AO AR LIVRE

**CRÓNICAS DO RENASCIMENTO DE UMA ALDEIA,**

de José Vieira  
(França, 2013, 83')

## DIA 07 AGOSTO

### 18H30 CASA DA CULTURA

**SOLANGE...COM SAUDADES,**

de Noémie Mendelle  
(França, 2003, 50')

### 22H00 TORRE DO CASTELO

– CINEMA AO AR LIVRE / SESSÃO PARALELA

**A GAIOLA DOURADA,**

de Ruben Alves





**SINO-  
PSES**



**CASA DAS ARTES (Porto)**  
**DIA 21 JULHO / 21H30**

## CRÓNICA DE EMIGRADOS CHRONIQUE D'IMMIGRÉS

*manuel madeira*

**França / 1979 / 135'**

Ao longo de dois anos, Manuel Madeira registou o quotidiano dos membros da “Associação Portugal Novo”, constituída por emigrantes portugueses residentes em Colombes, uma zona industrial nos arredores de Paris. Recolheu depoimentos nas casas, nas fábricas, nos cafés, nos locais de festa e compôs um retrato da emigração portuguesa, tirado a partir “de dentro”. Enquanto se esforçam por organizar o presente, revelando as suas expectativas, os seus projetos e as suas angústias, os protagonistas desta história refletem sobre o passado e o regime ditatorial que primeiro os oprimiu, e depois os excluiu.



**CASA DA CULTURA**  
**DIA 02 AGOSTO / 16H30**

## A EXPLICAÇÃO DAS SALAMANDRAS LÉXPLICATION DES SALAMANDRES

*maria pinto*

**França / 2006 / 52'**

A “*Explicação das Salamandras*” remete-nos para a realidade da emigração portuguesa na França nos anos 60, através do retrato da família da realizadora. Maria Pinto explora o espaço entre dois mundos, dois países: a França, onde vive e onde vivem os seus pais e Portugal, o país do passado, das lembranças e da memória da dor. Maria não filma estes dois espaços da mesma maneira; na França, Maria dá a palavra aos seus pais e às suas diferentes formas de experienciar a vida no país de emigração; o seu pai, que se passeia numa zona industrial onde sempre trabalhou, e a sua mãe no jardim da sua casa, que cultiva com paixão. Um e outro contam os motivos da sua partida para a França, seu pai que insiste mais nas circunstâncias práticas da viagem e a sua mãe, que confessa as razões desta partida. Cada um, no entanto, comunica a angústia da partida. A ideia de Portugal é sinónima de dor. A mãe de Maria, paradoxalmente, afirma “déterter” Portugal, mas explica que odeia porque certas circunstâncias que a obrigaram a deixar o país onde nasceu. Ambos acabam por ser prisioneiros das vidas que construíram.



**CASA DA CULTURA**  
**DIA 02 AGOSTO / 17H50**

## ESTA É A MINHA CASA

*JOÃO PEDRO RODRIGUES*

**Portugal / 1997 / 52'**

João Pedro Rodrigues filma a viagem de férias de uma família de emigrantes, os Fundo, de Paris até à sua terra natal, em Trás-os-Montes. Imagens do quotidiano do casal em Paris – ele é sapateiro, ela é porteira – alternam com registos da jornada que fazem de carro pelas auto-estradas de França e Espanha até Portugal e com momentos vividos no decurso das férias.



**CASA DA CULTURA**  
**DIA 02 AGOSTO / 21H30**

## LE DRÔLE DE MAI: CRÓNICA DOS ANOS DE LAMA

**LE DRÔLE DE MAI. CHRONIQUE DES ANNÉES DE BOUE**

*JOSÉ VIEIRA*

**França / 2008 / 52'**

Aquando dos acontecimentos do Maio de 68, a emigração portuguesa estava apenas a começar a estabelecer-se em França. A maior onda de imigração que França conheceu começou em 1963. Em 1968, havia 300.000 portugueses em França. Maio de 68 vai surpreendê-los nos anos intercalares, quando eles só pensavam em salvar e construir a casa em Portugal. Estavam num beco sem saída, de mãos e pés atados. Os acontecimentos do Maio de 68 vai ser um choque para os portugueses recém-chegados.



**ARBO - MUNICÍPIO NA GALIZA**  
**PRAÇA CENTRAL CINEMA AO AR LIVRE**  
**DIA 02 AGOSTO / 23H15**

**CASA DA CULTURA**  
**DIA 04 AGOSTO / 21H45**

**AUDITÓRIO LAMAS DE MOURO**  
**DIA 04 AGOSTO / 21H45**

## **A FOTOGRAFIA RASGADA**

### **LA PHOTO DÉCHIRÉE**

*JOSÉ VIEIRA*

**França / 2002 / 52'**

Nos anos 60 quem emigrava clandestinamente recorrendo a um passador, conhecia o código da fotografia rasgada. O passador guardava metade da fotografia de quem emigrava e a outra levava-a o emigrante que, uma vez chegado ao destino, a remetia à família, em sinal de que chegara bem e que poderia ser concluído o pagamento pela sua "passagem". Partindo da sua experiência como emigrante e das memórias de muitos portugueses que partiram para França "a salto", José Vieira traça um retrato amargo da história recente de Portugal.



**AUDITÓRIO LAMAS DE MOURO**  
**DIA 03 DE AGOSTO / 10H45**

## **A CASA QUE EU QUERO**

*JOANA FRAZÃO e RAQUEL MARQUES*

**Portugal / 2009 / 65'**

O filme de Joana Frazão e Raquel Marques visita seis casas de emigrantes portugueses, e as histórias deles, numa aldeia do Norte do país durante um Verão de Agosto, por tradição o mês de férias e dos regressos temporários à terra, às casas que permanecem desabitadas durante o resto do ano. Dando voz às personagens dos proprietários das seis moradias construídas para cumprir os seus sonhos, "A Casa Que Eu Quero" filma esta realidade, através dela propondo um retrato da emigração portuguesa.



**CASA DA CULTURA**  
**DIA 03 AGOSTO / 16H45**

## LISSAC

*patrick séraudie*

**França / 2003 / 57'**

*Lissac* é uma pequena comuna rural adormecida no Causse corrézien. Mas para o fim de 1950, a história acelera-se. As suas pedreiras atraem um número crescente de trabalhadores portugueses que, com as suas famílias, vão conhecer condições de vida muitas vezes rudimentares. Atualmente, apenas quatro casais da primeira geração testemunham esta história. O filme confronta a vida da aldeia, hoje, com as memórias do passado.



**TORRE DO CASTELO CINEMA AO AR LIVRE**  
**DIA 03 DE AGOSTO / 22H00**

**FREGUESIA DE PADERNE (LUGAR DE POMARES)**  
**CINEMA AO AR LIVRE**  
**DIA 04 AGOSTO / 22H00**

**AUDITÓRIO LAMAS DE MOURO**  
**DIA 06 AGOSTO / 21H45**

**FREGUESIA DE CRISTOVÁL (LUGAR DE S. GREGÓRIO)**  
**CINEMA AO AR LIVRE**  
**DIA 06 AGOSTO / 22H00**

## CRÓNICA DO RENASCIMENTO DE UMA ALDEIA

**CHRONIQUES DE LA RENAISSANCE D'UN VILLAGE**

*josé vieira*

**França / 2013 / 83'**

*Crónica do Renascimento de Uma Aldeia*, rodado no Puy-de-Dôme, relata o percurso de emigrantes portugueses que se instalaram, a partir dos anos 60, em antigas aldeias vinhateiras, nomeadamente em Roche-Blanche, na região de Auvergne, em França. Aqui, encontraram como levar a vida e ficaram. A sua presença salvou a aldeia da ruína.



**CASA DA CULTURA**  
**DIA 04 AGOSTO / 18H30**

## REGRESSO À TERRA

*Catarina Alves Costa*

**Portugal / 1992 / 35'**

Este filme mostra a vida numa pequena aldeia do Minho, no Norte de Portugal, durante um Verão. Com a chegada dos emigrantes, reinventa-se a pertença à terra e às tradições ligadas ao mundo rural. Trata-se de um projeto feito no âmbito do Mestrado em Antropologia Visual do Granada Centre for Visual Anthropology, da Universidade de Manchester. Prémio Melhor Filme de Estudante Festival do Filme Etnográfico Göttingen, Alemanha, 1993.



**CASA DA CULTURA**  
**DIA 04 AGOSTO / 19H10**

## UMA VIDA NOVA

*Nuno Pires*

**Portugal / 2006 / 24'**

Na década de 1970, José e Guiomar foram para França “a salto”. Ainda não tinham 20 anos, nem falavam uma palavra de francês, mas estavam determinados a melhorar a vida. Trinta anos depois decidem regressar, no encaço dos filhos que escolheram Portugal para viver. Retrato intimista do diálogo entre gerações, Uma Vida Nova é, simultaneamente, um testemunho de grande valor sociológico no que concerne à emigração e à integração da comunidade portuguesa em França.



**CASA DA CULTURA**  
**DIA 05 AGOSTO / 18H30**

## A GENTE DAS BARRACAS

**LES GENS DES BARAQUES**

*Robert Bozzi*

**França / 1995 / 88'**

Em 1970, mais de cem bairros de lata cercavam Paris. Em Saint-Denis, Robert Bozzi filma um documentário para o PCF. Na época, ele via estes habitantes dos “bidonvilles” como um grupo social particularmente explorado pelo capital. Obcecado pelas imagens que filmou, decidiu vinte e cinco anos depois reencontrar essas gentes das barracas e de saber o qual foi o seu percurso.



**CASA DA CULTURA**

**DIA 05 AGOSTO / 21H45**

**AUDITÓRIO LAMAS DE MOURO**

**DIA 05 AGOSTO / 21H45**

## O PAÍS AONDE NUNCA SE REGRESSA

LE PAYS OÙ L'ON NE REVIENT JAMAIS

*José Vieira*

**França / 2005 / 52'**

A partir da sua experiência familiar, José Vieira aborda uma das expectativas mais comuns do imaginário dos emigrantes: o regresso. Para a maioria, o regresso será sempre um sonho adiado. Mas há os que voltam, como o seu pai que, após 16 anos em França, retorna à sua terra natal, descrevendo o momento da emigração como “o erro da sua vida”. Para outros protagonistas deste filme, contudo, o erro está em voltar a uma terra que já não reconhecem como a sua e que não é, decididamente, a mesma que deixaram.



**FREGUESIA DE CASTRO LABOREIRO CINEMA AO AR LIVRE**

**DIA 05 AGOSTO / 22H00**

## OS EMIGRANTES

LES EMIGRÈS

*José Vieira*

**França / Portugal / 2009 / 74'**

A história de uma aldeia onde quase todos os habitantes emigram em busca de uma vida melhor. Alguns foram-se embora para sempre, outros regressaram. Através de diálogos e histórias de pessoas que habitam a aldeia no mês de Agosto, José Vieira tenta perceber quem são esses homens e mulheres transformados, de repente, em estrangeiros e que carregam dentro de si a rutura com o seu mundo familiar.



**CASA DA CULTURA**

**DIA 06 AGOSTO / 18H30**

## CONCIERGE/S

*Andréia Barbosa*

**Portugal / França / 2006 / 49'**

*Concierges* propõe uma imersão rotina de três porteiras portuguesas a trabalhar em Paris. Todos os aspectos da vida quotidiana das personagens são submetidos ao olhar da objetiva: tarefas diárias, relações com os locatários, questões burocráticas, tempos livres, discussões à mesa, conflitos. Os instantes de rotina destas três mulheres funcionam como pinceladas de um retrato da profissão de porteira e da comunidade emigrante à qual, em França, mais facilmente se associa essa profissão: a portuguesa.



**CASA DA CULTURA**  
**DIA 07 AGOSTO / 18H30**

## **SOLANGE... COM SAUDADES**

*Noémie mendeLLe*

**França / 2003 / 50'**

"Solange... com saudades" dá voz a mulheres portuguesas que emigraram de Portugal para a França nos anos 50,60,70. O filme é conduzido por histórias pessoais e memórias, algumas partilhadas pela realizadora do documentário. Mães e filhas dão o seu testemunho. O filme estabelece o diálogo entre duas gerações de mulheres migrantes que vivem a nostalgia do país, e a distância bem como a necessidade de liberdade e de segurança.



**TORRE DO CASTELO**  
**CINEMA AO AR LIVRE - SESSÃO PARALELA**  
**DIA 07 AGOSTO / 22H00**

## **A GAIOLA DOURADA**

**LA CAGE DORÉE**

*RUBEN aLves*

**França / 2013 / 90'**

Maria e José Ribeiro são um casal de portugueses emigrados em França há mais de três décadas. Ela sempre trabalhou como porteira de um prédio num dos melhores bairros parisienses e ele na construção civil. Todos gostam deles, quer pela sua simpatia e humildade, quer pela sua incansável boa vontade para ajudar quem precisa. Quando recebem a notícia de uma herança em Portugal que lhes concretiza o velho sonho do regresso às raízes, tudo parece perfeito. Porém, a verdade é que ninguém está muito interessado em perder a sua amizade e, subtilmente, uns e outros começam a organizar-se de maneira a fazê-los mudar de ideias.

# DÊ UM SALTO A MELGAÇO

Nos anos sessenta milhares de portugueses emigraram para França "a salto", assim se chamava a viagem clandestina dos que procuravam um novo destino.

Propomos, não uma viagem acidentada como a dessa época, mas que dê um salto a Melgaço nos dias 2 e 3 de agosto e partilhe connosco a programação que preparamos e faz parte de **Filmes do Homem**.

## SÁBADO 02 AGOSTO

### 10H00 - 11H00 CASA DA CULTURA

Receção aos participantes.

### 11H00 - 12H00 CASA DA CULTURA

Visita à exposição de fotografia

**Por uma Vida Melhor**, de Gérald Bloncourt / parte 1

Visita guiada por Gérald Bloncourt, com a presença de Conceição Tina (fotografada pelo autor no "bidonville" de Saint Denis, em 1966).

### 12H30 - 14H30 ALMOÇO

### 15H00 - 16H00 CASA DA CULTURA

Visita ao **Espaço Memória e Fronteira**, com Albertino Gonçalves. Apresentação de **HOJE, ONTEM E LÁ-BAS**, de Pierre Primetens, por Claudie Le Bissonais.

### 16H30 - 17H40 CASA DA CULTURA

**A EXPLICAÇÃO DAS SALAMANDRAS**,

de Maria Pinto (2006, França, 52')

Conversa com Maria Pinto.

### 17H40 - 17H50 INTERVALO

### 17H50 - 19H00

**ESTA É A MINHA CASA**,

de João Pedro Rodrigues (Portugal, 1997, 52')

Conversa com João Pedro Rodrigues.

## **19H30 JANTAR**

### **21H30 CASA DA CULTURA**

Sessão de abertura de FILMES DO HOMEM

### **DRÔLE DE MAI: CRÔNICAS DOS ANOS DE LAMA,**

de José Vieira (França, 2008, 52')

Filme apresentado por José Vieira.

## **DOMINGO 03 AGOSTO**

### **10H00 PARTIDA PARA LAMAS DE MOURO**

#### **10H45 AUDITÓRIO LAMAS DE MOURO**

**A CASA QUE EU QUERO**, de Joana Frazão e Raquel Marques (Portugal, 65')

Filme comentado por Álvaro Domingues e Maria Beatriz Rocha-Trindade.

### **13H00 - 15H00 ALMOÇO EM LAMAS DE MOURO**

#### **16H45 CASA DA CULTURA**

**LISSAC**, de Patrick Séraudie (França, 2003, 57')

Conversa com Patrick Séraudie, moderada por Jorge Campos.

### **18H00 - 18H10 INTERVALO**

#### **18H10 - 18H45 CASA DA CULTURA**

Conferência **Emigração portuguesa para França**, por Maria Beatriz Rocha-Trindade.

#### **18H45**

Debate **Documentário, um lugar de memória**, moderado por Manuela Penafria, com a participação de João Pedro Rodrigues, Jorge Campos, José Vieira, Patrick Séraudie, Maria Pinto.

### **19H30 - 21H00 JANTAR**

#### **21H30 MUSEU DO CINEMA**

Visita ao **Museu de Cinema Jean Loup Passek**.

Inauguração da Exposição 25 de Abril

- O Cinema Português nas Décadas de 60 e 70.

Visita guiada por Bernard Despomadères e Angelina Esteves.

#### **22H00 CINEMA NA TORRE**

##### **SESSÃO AO AR LIVRE**

#### **CRÔNICAS DO RENASCIMENTO DE UMA ALDEIA,**

de José Vieira (2013, França, 83')

Filme apresentado pelo realizador.

**Nota – As deslocações entre os diferentes lugares serão asseguradas em autocarro.**

## PARTICIPANTES

# SALTO A MELGAÇO



### *alBERTINO GONÇALVES*

Albertino Gonçalves é licenciado em Sociologia pela Universidade de Paris V – Sorbonne (1981) e doutorado em Sociologia pela Universidade do Minho (1994), onde fez a agregação no grupo disciplinar de Sociologia (2005). Tem lecionado, desde 1982, disciplinas da área da metodologia das ciências sociais e da sociologia da cultura, dos estilos de vida e da arte. É coordenador dos cursos de pós-graduação do Instituto de Ciências Sociais, membro da comissão instaladora da Casa Museu de Monção e investigador do Centro de Estudos Comunicação e Sociedade.



### *ÁLVARO DOMINGUES*

Álvaro Domingues é geógrafo, doutorado em Geografia Humana pela Faculdade de Letras da Universidade do Porto em 1994. Desde 1999 é docente do mestrado integrado e do curso de doutoramento. É também membro do Conselho Científico. É investigador do Centro de Estudos de Arquitectura e Urbanismo da FAUP e a sua atividade centra-se na Geografia Humana, Paisagem, Urbanismo e Políticas Urbanas, quer em termos de investigação, quer em termos de assessoria externa e formação.



### *CLAUDIE Le BISSONAIS*

Após um início de carreira no setor da leitura pública e, em particular, na divulgação científica e técnica enquanto bibliotecária na Mediateca de la Cité des Sciences et de l'Industrie (1986/1994), vira-se, a partir de 1995, para a vertente cultural do cinema, após concluir uma dupla formação universitária em Ciências da Linguagem e da Comunicação e em Cinema na Universidade de Paris III Sorbonne Nouvelle e no CLESA. Com uma vasta experiência em programação e coordenação de festivais, passa a ser, de 1999 até 2003, Delegada Regional do Nordeste Francês na Agência para a Difusão Regional do Cinema. Desde 2003, dirige a coordenação regional de Paris e da Île de France de Passeurs D'Images.



### *GÉRALD BLONCOURT*

Gérald Bloncourt nasceu no Haiti em 1926 onde viveu até aos 20 anos, altura em que foi expulso do país por ser um dos principais líderes do movimento revolucionário contra o Governo de Lescot. Exilou-se em Paris onde foi nomeado editor de fotografia do jornal L'Humanité. Pouco depois Bloncourt tornou-se fotógrafo independente e trabalhou para publicações como Le Nouvel Observateur, L'Express, Le Nouvel Economiste, Le Peuple entre outras.

Começou a fotografar os emigrantes portugueses dos "bidonville" ainda nos anos 50. Em 1966 fez a primeira viagem a Portugal, seguindo as rotas da emigração.



### *JOÃO PEDRO RODRIGUES*

Estudou biologia na Universidade de Lisboa e cinema no antigo Conservatório de Cinema. A sua carreira internacional começou na quinquagésima-quarta Mostra de Veneza, em 1997, onde o seu primeiro filme Parabéns!, foi premiado com uma Menção Especial do Júri. Em 1997 e 1998 realizou Esta é a Minha Casa e Viagem à Expo, um documentário em duas partes sobre a família. Em 2000 chegou O Fantasma. A sua primeira longa-metragem foi considerada uma obra de ruptura, tendo sido o primeiro filme português de sempre a retratar explicitamente a homossexualidade. Internacionalmente como parte da competição oficial da quinquagésima-sétima Mostra de Veneza, foi premiado Melhor Filme em Entrevues, Festival Internacional de Cinema de Belfort e no Novo Festival de Nova Iorque. Em 2005, a sua segunda longa, Odete, venceu vários prémios, entre eles uma Menção Especial "Cinemas de Recherche" na trigésima-sétima Quinzena dos Realizadores no Festival de Cannes. Em 2009, João Pedro realizou Morrer Como Um Homem, que teve a sua estreia mundial no quadragésimo Un Certain Regard, no Festival de Cannes. Em 2011, João Pedro Rodrigues co-realiza com João Rui Guerra da Mata a curta-metragem documental Alvorada Vermelha, apresentada em muitos festivais por todo o mundo.



### *JORGE CAMPOS*

Doutorado em Ciências da Comunicação pela Universidade de Santiago de Compostela, Jorge Campos é cineasta, jornalista, programador cultural e Professor Adjunto do Instituto Politécnico do Porto. Responsável pela área científica de Estudos Visuais do Departamento de Artes da Imagem (DAI), lecciona unidades curriculares de Cinema e é responsável pela especialização em Cinema Documental do Mestrado em Comunica-

ção Audiovisual da Escola Superior de Música, Artes e Espectáculo (ESMAE). É o programador do ciclo de Fotografia e Cinema Documental Imagens do Real Imaginado (IRI) da ESMAE. Foi o responsável pela área de Cinema, Audiovisual e Multimédia do Porto 2001 - Capital Europeia da Cultura.



### *josé vieira*

José Vieira, realizador de origem portuguesa, vive e trabalha entre Portugal e França. Depois de 1985 realizou cerca de trinta documentários, nomeadamente para a France 2, France 3, La Cinquième e Arte. A sua obra, dedicada sobretudo à problemática da emigração, tem sido exibida nos mais diversos festivais internacionais de cinema. José Vieira tem dado visibilidade à história de um milhão de portugueses que saíram do país nos anos sessenta, a maioria clandestinamente - "a salto", como se dizia -, no que foi a maior migração humana na Europa do século XX.



### *manuela penafria*

Doutorada pela UBI e professora nos cursos de licenciatura e mestrado em Cinema da mesma universidade. É investigadora do Labcom e das suas publicações destaca-se o livro "O paradigma do documentário - António Campos, Cineasta" (LivrosLabcom, 2009). Organizou o livro bilingue "Tradição e Reflexões: Contributos para a teoria e estética do documentário." (Livros-Labcom, 2011) e é co-editora da Revista DOC On-line ([www.doc.ubi.pt](http://www.doc.ubi.pt)). Pertence ao conselho editorial de revistas científicas, portuguesas e brasileiras e é membro do Conselho Consultivo da AIM-Associação dos Investigadores da Imagem em Movimento.



### *maria beatriz rocha-trindade*

Maria Beatriz Rocha-Trindade, nascida em Faro, licenciada em Ciências Antropológicas e Etnológicas pelo ISCSP/Universidade Técnica de Lisboa, é Doutorada em Sociologia pela Faculté des Lettres et Sciences Humaines de Paris - Université René Descartes - Paris V (Sorbonne) e Agregada em Sociologia pela Universidade Nova de Lisboa (FCSH). É Professora Catedrática na Universidade Aberta, onde fundou (1994) o Centro de Estudos das Migrações e das Relações Interculturais/CEMRI, Unidade de I&D da Fundação para a Ciência e a Tecnologia, do Ministério da Educação e da Ciência. É Consultor Científico do Museu da Emigração e das Comunidades de Fafe. É titular da Ordre National du Mérite, de

França, com o grau de Chevalier, da Medalha de Mérito do Município de Fafe e da Grã-Cruz da Ordem da Instrução Pública, de Portugal.



### *maria da conceição tina*

Maria da Conceição Tina Melhorado nascida a 8 de dezembro de 1958, em Vila Nova de foz-Côa, distrito da Guarda. Emigrou para França em 1964, viagem feita a "salto" com a sua mãe e o seu irmão de 9 anos, onde esteve até 1976. Regressou a Portugal onde fez os seus estudos. Frequentou a faculdade de Letras da Universidade de Coimbra. Foi professora durante 30 anos, lecionou a disciplina de Português e de Francês em várias escolas. Em janeiro de 2014 regressou a França. Atualmente, trabalha no liceu Gustave Monod, em Ghien-les-Bains.



### *maria pinto*

Nasceu em Portugal e acompanhou os pais no exílio para França. Essa é a história que conta no seu primeiro filme Explication des salamandres. Estudou Letras e Artes Plásticas na universidade de Rouen e na universidade em Paris (mestrado de literatura Contemporânea e licenciatura em Artes Plásticas). Depois do primeiro filme autobiográfico em 2005, rodou dois outros filmes relacionados com a sua cultura de origem, Un ciel à part e Les mauvais rêves de M. Antunes, um retrato do escritor António Lobo Antunes. Os seus últimos filmes levaram outro rumo e estão ligados à paixão pela literatura e pelas artes plásticas, são mais conceptuais e próximos duma narrativa mais ficcional e artística.



### *patrick séraudie*

Patrick Séraudie nasceu em Bives em 1960. Vive e trabalha no Limousin. Realizou cerca de vinte filmes documentários para a Pyramide Production, que criou em 1988 e onde assumiu a gestão até 2008. Produziu cerca de sessenta documentários, entre os quais quinze primeiros filmes. Participou em Produire en Région desde 1995, e em EURODOC, em 1999. Foi membro e suplente da comissão de seleção do CNC de 2005 a 2008, e, desde 2007, membro da comissão Documentaire de la Région Midi-Pyrénées. Depois de 2008, consagra-se à realização. Além do projeto "Le silence de la douleur", desenvolve duas longas-metragens para o cinema: "Un homme seul" e "Blue Chagall", produzido por Cinédoc Films, em coprodução com Look Filmes na Alemanha e SL em Espanha.

**EXPOSIÇÕES**

*EXHIBITIONS*



*GÉRALD BLONCOURT*

# POR UMA VIDA MELHOR

**Gérald Bloncourt** nasceu no Haiti em 1926 onde viveu até aos 20 anos, altura em que foi expulso do país por ser um dos principais líderes do movimento revolucionário contra o Governo de Lescot. Exilou-se em Paris onde foi nomeado editor de fotografia do jornal L'Humanité. Pouco depois Bloncourt tornou-se fotógrafo independente e trabalhou para publicações como Le Nouvel Observateur, L'Express, Le Nouvel Economiste, Le Peuple entre outras, sempre com grandes preocupações sociais. Fez várias exposições e foi condecorado tanto no Haiti como em França.

Começou a fotografar os emigrantes portugueses dos “bidonville” ainda nos anos 50. Em 1966 fez a primeira viagem a Portugal, seguindo as rotas da emigração. Regressou várias vezes, algumas delas a pé pelos Pirenéus com quem viajava “a Salto”. Voltou a Portugal em 1974, depois da Revolução, no mesmo avião em que regressou Álvaro Cunhal.

Percorri essas regiões onde nasceram os grandes descobridores do mundo, Henrique o Navegador, Vasco da Gama... Vi os sórdidos bairros de lata dos arrabaldes miseráveis de Lisboa... Segui a rota da imigração... Vivi os encontros dos passadores clandestinos do Porto, subi os caminhos de Chaves, falei com o pequeno pastor de capote de palha, provei a aurora nos Pirenéus, sabor a inverno, a pleurisia, a angústia... Juntei-me às longas filas de espera na estação de Hendaye... aqui, por detrás de cada rosto, está Portugal, o seu meio século de história, de escuridão, de opressão...

**Gérald Bloncourt**



A exposição **Por uma vida melhor** (parte 1) é inaugurada no dia 2 de agosto, pelas 11h00, com a presença de Gérald Bloncourt e de Maria da Conceição Tina.

## **POR UMA VIDA MELHOR (PARTE 1)**

### **CASA DA CULTURA**

De 2 de Agosto a 27 de Setembro

De segunda a sexta-feira: 9H30 - 12H30 e 14H00 - 18H00

Sábado e domingo: 9H30 - 12H30 / 14H00 - 18H00 e 21H00 - 00H30

## **POR UMA VIDA MELHOR (PARTE 2)**

### **CENTRO DE INTERPRETAÇÃO DO VINHO E DA LAMPREIA DE ARBO**

Arbo - Galiza

De 2 de Agosto a 31 de Agosto

Todos os dias de 12H00 às 14H00

16H00 às 21H00 (hora local)

Tel.: 0034 986665778

Email: arabo@concellodearbo.es

Web: www.araboarbo.org

# O MEU OLHAR COMPROMETIDO ... COM OS FILHOS DOS "GRANDES DESCOBRIDORES"...

GÉRALD BLONCOURT

Nasci a 4 de novembro de 1926, em Bainet, uma aldeola situada a oeste de Jacmel, no sul do Haiti. O meu pai, guadalupense, para ali tinha vindo, com a minha mãe, francesa de origem italiana, no dia seguinte à “grande” guerra de 1914/1918 em que tinha combatido, para se aventurar como plantador e comerciante de café. Parece que nasci numa casa de campo, na terra batida, porque a pobreza era, naquela época, o nosso quinhão do dia-a-dia. Colocado repentinamente neste contexto social difícil, tive todas as oportunidades para descobrir um meio cujos primeiros predicados que me vieram à mente foram *injustiça, revolta, violência*, paradoxalmente misturados com *solidariedade, risos e calor humano*.

A natureza não foi poupada. Um ciclone gigantesco devastou a região e fomos salvos da tormenta in *extremis*. Logo a seguir, os meus pais instalaram-se em Jacmel. A família ia sobrevivendo, umas vezes melhor, outras pior. Eu podia facilmente aperceber-me das desigualdades da sociedade. Havia os ricos, proprietários de todas as casas grandes e bonitas. Todos bem vestidos, ao passo que nos bairros populares multiplicava-se um povo miserável coberto de trapos, em infames casebres. As pessoas das classes abastadas desprezavam ostensivamente estes infelizes cuja prole servia com frequência como empregados domésticos, tratados com rudeza e, muitas vezes, de forma violenta.

Estávamos em plena ocupação americana. A repressão contra qualquer oposição era severa. Os norte-americanos reinavam no país como mestres e nem sequer disfarçavam o seu desprezo pelos haitianos de todas as categorias sociais. Tratava-se de racismo, sem sombra de dúvida.

O meu pai fazia parte daqueles que resistiam àquelas ocupantes. Chegou mesmo a ser preso. Portanto eu cresci neste ambiente de luta, de ansiedade, mas também de compromisso.

Alguns anos mais tarde, em Port-au-Prince, na capital, tive uma juventude militante. Tornei-me pintor e artista em gravuras, e fui um dos fundadores do Centro de Arte que contribuiu para o aparecimento dos “pintores do fantástico”. Foi nessa época que descobri a história da nossa ilha, povoada pelos Taínos os quais, após o primeiro “genocídio do mundo” que tirou a vida a mais de um milhão deles, foram substituídos por cerca de trinta etnias de africanos deportados durante o inqualificável tráfico dos negros. Isto fez com que me interessasse pela História da “descoberta” da América por Cristóvão Colombo e fiquei a conhecer, por conseguinte, a epopeia dos Grandes Descobridores, Henrique o navegador, Vasco da Gama. Foi aí que pela primeira tomei conhecimento da existência de Portugal e dos seus famosos exploradores. Disse para mim mesmo, nessa época, após ter visto num mapa onde ficava esse país, que gostaria de lá ir um dia. Não sabia muito da sua história

contemporânea, mas tinha lido os nomes de Lisboa, Porto... também não podia prever em que circunstâncias lá iria parar e estar ao lado dos descendentes daqueles heróis fabulosos.

Em 1946 eu era membro do grupo “La Ruche” que desencadeou os acontecimentos revolucionários das “Cinq Glorieuses”. Provocámos a queda da ditadura que subjogava na época. Mas uma contra-revolução possibilitou que uma junta militar nos eliminasse e eu fui exilado do meu país.

Estou a contar estas coisas para dizer que conheci, tal como outros milhões de homens e mulheres, o quanto custa ter de deixar o seu país natal – por obrigação – e ter de partir para longe... Tenho a noção de que o meu interesse pelas questões da “imigração” se deve, em parte, a isto.

Mais tarde, em França, uma vez jornalista, descobri rapidamente que a fotografia era um meio extraordinário para testemunhar, denunciar, e participar nas lutas em prol de uma sociedade mais justa.

Nos meus primeiros anos de prática, descobri que a fotografia podia fazer aparecer o Mundo como ainda não tinha sido visto. O dia-a-dia podia ser extraordinário, a vida podia ser transfigurada. Descobri que a fotografia – aquela, é claro – era uma arte especificamente ligada às técnicas de impressão, à imprensa, à informação. Que ela tinha conquistado a sua popularidade descendo à rua através dos quiosques. Que

ela penetrava em milhões de lares pelas revistas e até pela televisão que não é nada mais do que “a imagem movimento”. Acho, ainda hoje, que cada manhã, cada semana, o fotógrafo “expõe” para os seus milhões de leitores. A sua arte está ligada a esta indústria que considero como uma sala de exposição diária, permanente, popular, aberta ao público da rua, aos homens de todos os dias. Com isto quero dizer que não separo a poesia da informação, o respeito pelos outros do modo de informar, a responsabilidade das imagens, do acontecimento que estamos incumbidos de descrever. Um jornalista, um fotógrafo, na atualidade, é um homem que pode desencadear as paixões as mais condenáveis, mas também é o homem que pode lutar por uma visão mais justa e mais humana do nosso futuro.

A época da guerra da Argélia foi, para mim, um prodigioso viveiro de imagens. As manifestações e as greves sucediam-se umas atrás das outras. Eu descobria, para o meu próprio espanto, o racismo a gangrenar as camadas da população trabalhadora. Contaminando, por vezes, outros imigrantes ou filhos de imigrantes que se consideravam “mais franceses” do que os Árabes porque eles mesmos eram Europeus...

A minha forma de lutar contra estas xenofobias era, por exemplo, mostrar, em toda a sua humanidade, estas mulheres argelinas ou portuguesas cuidando dos seus filhos, lutando para manter limpos os seus bairros de lata lamacentos. Eu esforçava-me em mos-



©Gérald Bloncourt



©Gérald Bloncourt

trar aqueles operários que trabalhavam na construção de enormes estruturas, ou seja na reconstrução de uma França em ruínas do pós-guerra. Eu mostrava os seus rostos simpáticos, afáveis, suscitando respeito. A qualidade dos seus esforços e a beleza dos seus gestos. Também os riscos que corriam. Tentava ilustrar como todos fazíamos parte da mesma sociedade, em que devíamos viver lado a lado, aceitar-nos e estimar-nos.

Cada vez que surgiam cenas inspiradoras, eu tinha a impressão, ao usar a minha máquina fotográfica, que não fazia mais do que copiar os instantes que eu vivia. Era como se tivesse utilizado um papel químico para reproduzir aqueles momentos fabulosos. Eu não me sentia como um fotógrafo à procura de clichés extraordinários, mas como um simples copista que reproduzia aqueles milhares de rostos, aquelas atitudes, aquela força que emanava de todos aqueles seres que reconstruíam a França. Sim, eu tinha-a diante de mim aquela classe operária que me tinha feito sonhar quando eu lia Marx. Ela estava ali, à minha

frente, e todas as convicções que me tinham levado a tomar partido, a envolver-me neste combate, fervilhavam no meu coração, na minha mente. Mais do que nunca, sentia-me na obrigação de dizer, de traduzir, de transmitir a cólera daqueles homens que queriam pôr um fim à sua condição de escravo do capital para construir uma sociedade mais justa e mais humana.

Completamente autodidata na área da fotografia, descobria o grande Capa, que fotografava a guerra para melhor a combater, bem como outros fotógrafos, como por exemplo Isis, Maltete... Apercebia-me do potencial desse meio de comunicação visual entre os homens que, naquela época (anos 60), ganhava aclamação.

Uma das minhas descobertas essenciais foi ter percebido que não existe nada menos objetivo do que uma lente fotográfica. Assim como um escritor que com as palavras e uma caneta cria o seu estilo, assim é o homem que está por detrás da câmara fotográfica que escreve a sua imagem. A fotografia é uma escrita da nossa época.



©Gérald Bloncourt

Tendo conquistado uma certa notoriedade, e por isso uma grande independência, eu podia escolher os assuntos que me interessavam e seguir o meu próprio caminho.

Primeiro trabalhava como jornalista, à procura de redes de informantes o que me permitiam frequentar todo o tipo de lugares e de situações: bairros de lata da região de Paris, a passagem clandestina dos imigrantes portugueses pelos Pirenéus, reportagens na Espanha de Franco, no Portugal de Salazar ou a Revolução dos cravos, a guerra no Saara ocidental entre os combatentes da Frente Polisario, dos terremotos no sul da Itália, em Nápoles, na URSS, na Finlândia, na Guadalupe-Martinica do meu coração.

Eu tinha tomado conhecimento, no ano 1964, da existência de um grande bairro de lata português em Champigny-sur-Marne. Eu fui lá uma noite para presenciar o regresso do trabalho dos imigrantes que trabalhavam sobretudo na construção civil. Eu deambulava entre aqueles abrigos de tábuas e de chapas quando, ao virar numa daquelas espécies de ruelas,

quatro homens ameaçadores me cercaram. Um deles tinha um canivete na mão. Falavam pouco francês e perguntavam-me o que estava a fazer ali com uma máquina fotográfica. Eu tentava explicar-lhes o meu objetivo, mas eles não pareciam acreditar no que eu dizia e mostravam-se desconfiados. Disseram-me para ir atrás deles. Entrámos numa cabana e lá, para minha grande surpresa, encontrei-me diante de um militante que já tinha encontrado numa reunião da CGT. Ele reconheceu-me e ficou de tal forma espantado, que me deu um abraço. Tranquilizou os colegas e vi um deles apanhar uma garrafa de vinho do porto, explicando-me que ela tinha sido guardada para um dia especial e que esse dia tinha chegado!

Brindámos e, a partir dali, podia voltar sempre que quisesse. Fiz ali alguns amigos e reuni numerosas imagens que foram publicadas na sua maioria.

As relações estabelecidas com os portugueses permitiram-me, mais tarde, estar em contacto com militantes que lutavam contra a ditadura de Salazar e ir a Portugal, por duas vezes. Aqueles contactos também me possibilitaram acompanhar a imigração em Hendaye, nos Pirenéus, e viver, mais tarde, a revolução dos Cravos em Lisboa. Dessa forma, pude fotografar os portugueses nas obras da Tour Montparnasse ou da Défense e em muitos outros lugares por toda a França.

Eu mantinha o meu método de trabalho, vivendo no meio das pessoas que eu fotografava. Quando voltava de uma reportagem, era eu mesmo que revelava e imprimia as minhas imagens e redigia as respetivas legendas. Nunca quis limitar a fotografia a uma “arte” elitista. Sempre fui da opinião que ela deveria desempenhar um papel para abrir a mente e fazer pensar sobre o Mundo.

As reportagens que eu tinha feito, em meados dos anos 60, nos bairros de lata portugueses da região parisiense e em estaleiros de obras tinham-me possibilitado estabelecer laços com as organizações sindi-



©Gérald Bloncourt

cais e os partidos da oposição à ditadura de Salazar. Graças a estes contactos, pude fazer o meu trabalho de Lisboa ao Porto, assim como em Hendaye, por onde passava a maioria daqueles imigrantes. Pude penetrar naqueles grupos forçosamente desconfiados, uma vez que eles se expatriavam clandestinamente, estando o governo contra a sua partida, em testemunho da enorme miséria do seu país. Consegui informações precisas sobre as aldeias a visitar, aquelas de onde quase todos os homens tinham saído para ir para França. Com endereços, nomes e todo o tipo de informações, eu podia ir de uma província à outra sem ser notado.

Em 1965, eu já tinha ido a Hendaye para fotografar os imigrantes que por ali passavam para se juntar aos seus compatriotas que viviam nos sórdidos bairros de lata da região parisiense. Eu tinha assistido à chegada em massa daquelas famílias desamparadas, carregando nos seus braços os seus bens dentro de malas improvisadas, muitas vezes atadas com cordas para que não se abrissem, de tão gastas que estavam. Vi estes seres esgotados, a dormir sentados, por falta de lugares, nos bancos da estação. Eu tinha apanhado o comboio com eles, para melhor testemunhar o seu infortúnio. Vivi a chegada de camiões em que famílias inteiras eram amontoadas como gado.

Durante mais de três semanas, eu tinha voltado incansavelmente àquela região. Graças aos meus contactos pude convencer passadores – que escoltavam clandestinamente este fluxo de migrantes de Espanha, através dos Pirenéus até França - a acompanhá-los. Segui um destes grupos que seguiam caminhos de miséria para se esconder de modo a não serem apanhados pelas patrulhas de guardas espanholas. Carregados como animais de carga, os infelizes abriam caminho por entre a vegetação das montanhas, gastando o seu calçado miserável nos rochedos, até ficarem descalços. Forçados, por vezes, em pleno inverno, a atravessar torrentes de gelo. Tenho nos meus arquivos algumas imagens desses instantes dramáticos, muitas vezes tiradas sem que o soubessem porque eles não queriam ser fotografados.

Conheci esta comovente história da “foto rasgada” cujo realizador, José Vieira, vindo para França com o seu pai imigrante, fez um documentário notável em 2001.

Para terem a certeza de que os passadores não os abandonariam pelo caminho, as famílias, em Portugal, guardavam metade de uma foto que representava o candidato à passagem clandestina e só entregavam metade do valor acordado. Uma vez em terras de França, o imigrante entregava a outra metade da foto ao seu guia que, regressando a Portugal, podia

receber a outra metade do dinheiro ao reconstituir a foto rasgada.

Percorri essas regiões onde nasceram os grandes descobridores do mundo, Henrique o Navegador, Vasco da Gama... Vi os sórdidos bairros de lata dos arrabaldes miseráveis de Lisboa... Segui a rota da imigração... Vivi os encontros dos passadores clandestinos do Porto, subi os caminhos de Chaves, falei com o pequeno pastor de capote de palha, provei a aurora nos Pirenéus, sabor a inverno, a pleurisia, a angústia... Fotografei Portugal, o seu meio século de escuridão, de misérias, de opressão de que são testemunho os sórdidos bairros de lata de Lisboa.

Aquando da minha primeira viagem a Portugal –sob a ditadura de Salazar – reparei, por sorte, que estava a ser seguido há dois dias por sujeitos que identifiquei rapidamente como sendo capangas do regime. Entrei numa farmácia onde comprei mercúrio, pensos e adesivos. Era para disfarçar, porque só precisava de fita adesiva. Na manhã da minha partida, enfiava as minhas sete melhores películas numa meia que colocava nas minhas costas com a ajuda da fita adesiva. Depois, escondia, na minha mala, outras películas que apenas continham vistas “turísticas”. Meti uma num par de sapatos e as outras espalhei-as pelos bolsos de roupas sujas, visivelmente a necessitar de serem lavadas. Assim, preparava-me para o pior. E não falhou! À minha partida, no aeroporto de Lisboa, fui mandado parar por uns agentes da sinistra PIDE, a polícia política.

Numa sala para onde me tinham levado, revistavam as minhas bagagens e ficaram naturalmente com as películas que eu tinha preparado para eles. Um deles mandou-me levantar os braços e apalpou-me até aos tornozelos. Eu tinha suores frios, dava-me a sensação que a meia que eu tinha nas costas estava a descolar. O homem não se apercebeu de nada. Eu protestava, fazendo alusão à liberdade da imprensa e mostrando a minha carteira profissional. Eles retor-

quiram dizendo que iam mandar revelar as minhas fotos e que mas enviariam para França.

Todas estas arrelias me fizeram perder o avião e tive de esperar várias horas pelo voo seguinte para Paris. Eu nem ousava mexer. Eu ficava encostado contra o sofá, onde tinha arranjado um lugar, até o momento da partida. Eu estava tão ansioso que, nem mesmo no avião, usei livrar-me do embrulho que tanto me magoava nas costas. Chegado a Orly, apanhei um táxi, e foi apenas quando cheguei a casa, em Arcueil, no Bairro Social do Chaperon-Vert, que finalmente me vi livre do doloroso embrulho.

Um dia, em Lisboa, graças às informações recolhidas, passei na rua onde se situava a prisão “Al Jube”. Numerosos resistentes eram ali torturados e testemunhas tinham-me dito que, por vezes, se ouviam os seus gritos de dor que passavam por cima dos muros daquele lúgubre lugar. Era proibido estacionar ali, e nem pensar em tirar fotografias. Decidi caminhar pelo passeio, com a máquina fotográfica ao ombro, mas com a objetiva apontada para a cadeia. O vigia olhava para mim. Sorri para ele e fiz um longo cumprimento com a mão, de forma a conseguir tirar uma fotografia com a simples passagem da minha mão pela máquina fotográfica. O soldado sorriu igualmente para mim e apenas viu um flash. Publicada em *Vie Ouvrière*, esta foto tirada “felizmente com sorte” desempenhou mais tarde o seu papel de testemunha na denúncia da ditadura salazarista.

O 25 de abril de 1974, uma revolta militar, comandada por capitães contestatários, punha termo a cerca de meio século de ditadura. O presidente do Conselho, Marcelo Caetano, último sucessor de Salazar, partia exilado para o Brasil. A partir do dia seguinte, um dos oficiais rebeldes presidindo a Junta, o general Spínola, libertava os prisioneiros políticos, eliminava o que ainda restava da PIDE, como a censura. Três dias mais tarde, um telefonema dos meus “correspondentes” portugueses alertou-me para o facto de



LIVRES DO FASCISMO  
LUTEMOS POR UM  
PORTUGAL MELHOR

que Álvaro Cunhal, o secretário-geral do Partido Comunista português, então exilado em França, ia apANHAR o avião para Lisboa acompanhado por alguns dos seus camaradas para se juntar ao seu país em plena revolução dos “capitães”. Roger Guibert da *Vie Ouvrière* ligou-me, alguns minutos mais tarde, propondo-me acompanhá-lo no mesmo voo. Eis-nos numa Caravela, creio eu. Durante o percurso, os militantes portugueses que regressavam ao seu país entoaram cânticos revolucionários, ritmando energicamente as músicas com os seus pés. A hospedeira de bordo veio ter connosco e disse-nos que o comandante de bordo solicitava que parássemos de abanar o avião, porque todas aquelas pancadas juntas representavam um sério perigo para o voo.

Chegados a Lisboa sem vistos, fomos acolhidos por uma enorme multidão que rodeava os tanques de guerra da armada em revolta. Cunhal, em cima de um deles, discursou para os seus partidários. Depois de ter encontrado um pequeno hotel, o Roger e eu fomos percorrer aquelas ruas cheias de gente em júbilo. Nem sei quantas fotografias pude tirar. Tudo era para fotografar! Os risos, os choros, as flores nos canos das espingardas, os encontros entre prisioneiros acabados de sair em liberdade! Os aplausos à passagem dos camiões militares cheios de soldados sorridentes! Nem sequer fomos dormir ao hotel. Durante toda a noite, Lisboa explodia de risos, de contentamento e de uma indescritível alegria. O dia acordou no 1º

de maio livre, sem que nada daquilo se atenuasse. A manhã passou sem que nos apercebêssemos. Para comer, para beber, estendíamos a mão e logo dezenas de outras mãos nos davam algo para nos saciar. À tarde, estávamos em plena manifestação. Um desfile enorme! Mais de um milhão de pessoas. Bandeirolas de todos os tamanhos, cartazes, orquestras e centenas de milhares de cravos vermelhos que cada um exhibia. A Revolução dos Cravos enchia os passeios, as varandas, as janelas...

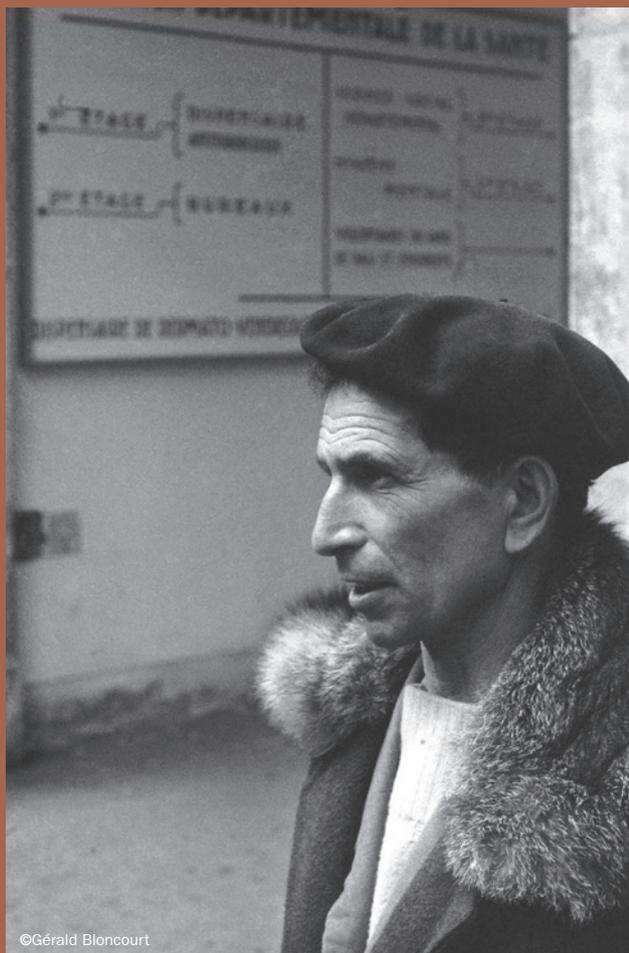
Naquele dia 2 de maio de 1974, eu regresso de Lisboa. Levo comigo um cravo vermelho, um daquelas centenas de milhares de cravos vermelhos do Primeiro de maio da Liberdade. Regresso com as mãos quentes por todas aquelas mãos estendidas. Povo tranquilo e bom, trabalhador e honesto acabas de derrubar – com os teus filhos soldados, operários, camponeses, os teus militantes torturados – o regime fascista de Salazar e do seu sucessor Caetano. Regresso ainda com lágrimas de alegria... Com a confiança e a esperança recolhidas nas esquinas de todas aquelas ruas onde os reencontros não têm fim.

Sim, filhas e filhos dos “Grandes Descobridores”, herdeiros de uma cultura universal, vocês ainda não deixaram de ter lugar no acordo das Nações. E como a fotografia é também a minha escrita, termino com esta imagem do Primeiro de Maio tirada em Lisboa. ●

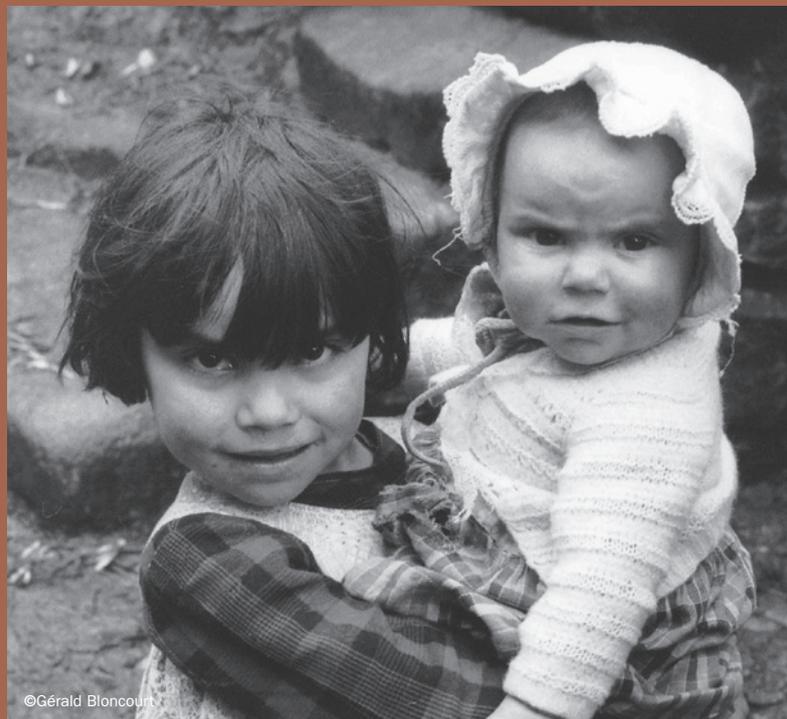
# EXPOSIÇÃO

GÉRALD BLONCOURT

POR UMA VIDA MELHOR



©Gérald Bloncourt



©Gérald Bloncourt



©Gérald Bloncourt





©Gérald Bloncourt



©Gérald Bloncourt



©Gérald Bloncourt



©Gérald Bloncourt



©Gérald Bloncourt



©Gérald Bloncourt



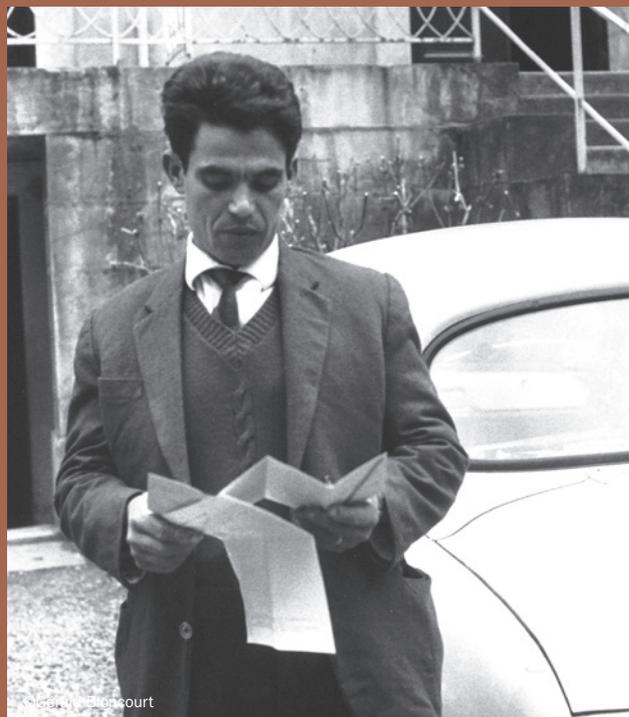
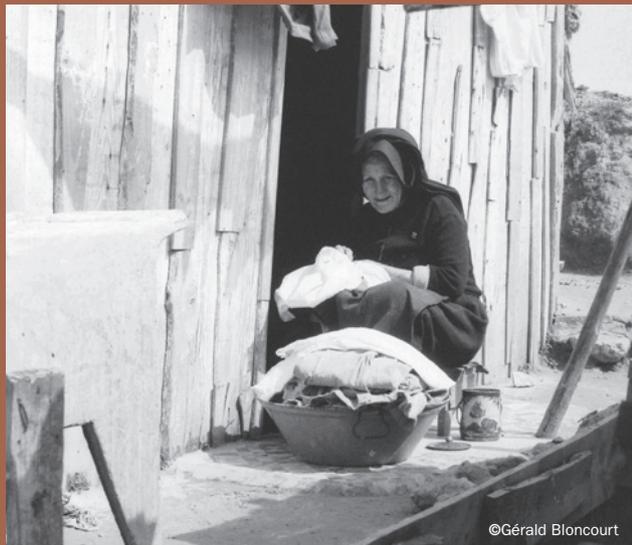
©Gérald Bloncourt



©Gérald Bloncourt



©Gérald Bloncourt



# MUSEU DE CINEMA DE MELGAÇO

*Jean Loup passek*

## EXPOSIÇÃO DE CARTAZES

**25 DE ABRIL - O CINEMA PORTUGUÊS  
NAS DÉCADAS DE 60 E 70**

**MUSEU DE CINEMA JEAN LOUP PASSEK**  
DE 2 DE AGOSTO A 31 JANEIRO DE 2015

Os cartazes de cinema são à imagem dos filmes, a preto e branco ou em technicolor, de pequeno formato ou em cinemascópio, efémeros e ao mesmo tempo eternos. Contam-nos uma história mas também a história de uma época. Para esta primeira edição **DO FILMES DO HOMEM – Festival de Documentário de Melgaço**, o Museu de Cinema de Melgaço *Jean Loup Passek*, propõe uma viagem à volta dos anos 70 e do cinema português a caminho da liberdade, das utopias e da sua abertura ao mundo.

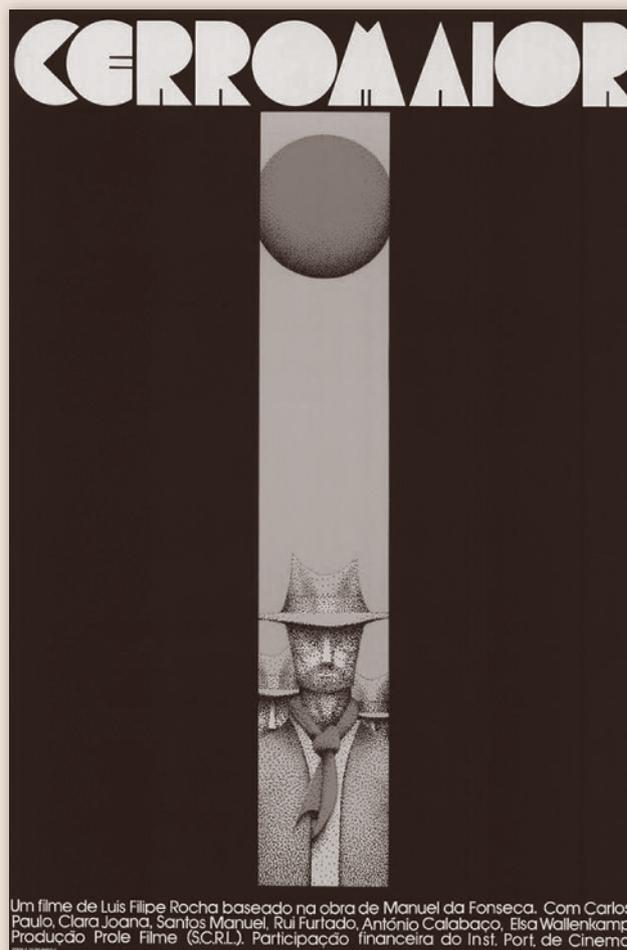
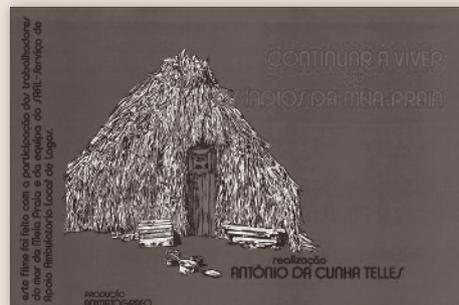
**A exposição é inaugurada no dia 3 de agosto, pelas 21h30, com uma visita guiada por Bernard Despomadères e Angelina Esteves.**

## HORÁRIO DE TERÇA A DOMINGO

Horário de verão (Abril a Setembro)  
10H00 - 12H30 e 14H30 - 19H00

Horário de inverno (Outubro a Março)  
10H00 - 13H00 e 14H00 - 17H00

*Encerra às segundas feiras*





# LABORATÓRIO DE VÍDEO

## WORKSHOP PARA JOVENS DOS 14 AOS 18 ANOS

A partir de depoimentos recolhidos na rua sobre arganões e criaturas fantásticas, os participantes terão de pensar e fazer imagens sobre o tema, de uma forma livre, mas coerente, onde o limite é a experimentação e a criatividade.

### PÚBLICO-ALVO

Jovens, dos 14 aos 18 anos, interessados em contar uma narrativa através da produção audiovisual.

### OBJETIVOS

Conhecer os princípios básicos da escrita de argumento, da captação, da realização e da montagem.

### VAGAS

8 Participantes

### CALENDARIZAÇÃO

29 de julho - 14H00 - 18H00

30 de julho - 9H00 - 12H30 / 14H30 - 18H00

31 de julho - 9H00 - 12H30 / 14H30 - 18H00

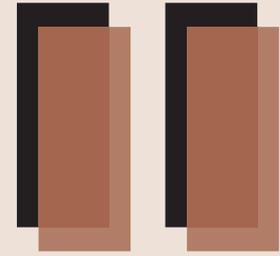
1 de agosto - 9H00 - 12H30 / 14H30 - 18H00



## FORMADOR

*miguel ARIEIRA*

É licenciado em Tecnologia da Comunicação Audiovisual (área vídeo), pela Escola Superior de Música e Artes do Espetáculo do Instituto Politécnico do Porto. Com formação musical anterior (Academia de Música de Viana do Castelo), especializou-se na captação e pós-produção áudio. Além do registo e desenho sonoro, com enfoque na pesquisa técnica sobre noções de espacialização stereo e 5.1, o seu trabalho complementa, no entanto, também outras vertentes – realização, operação câmara e fotografia -, tendo já participado em vários projetos para cinema e televisão (ficção, documentário e publicidade). Atualmente trabalha com a AO NORTE. Associação de Produção e Animação Audiovisual, onde é responsável pela captação e pós-produção áudio, estando também diretamente envolvido no trabalho de registo documental realizado pela associação.



**Plano Frontal** é uma residência cinematográfica que vai ocorrer em Melgaço, de 29 de julho a 5 de agosto de 2014, no âmbito de **FILMES DO HOMEM - Festival de Documentário de Melgaço**. O objetivo do projeto Plano Frontal é contribuir para um arquivo audiovisual sobre o património imaterial de Melgaço, dotar o Espaço Memória e Fronteira de obras audiovisuais que abordem a história da região, promover o filme documentário e o aparecimento de novas equipas técnicas e artísticas

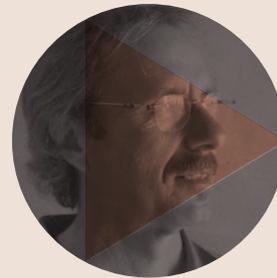
Quatro equipas formadas por quatro jovens realizadores, quatro operadores de som e quatro operadores de câmara, realizarão, durante uma semana, quatro documentários sobre temas locais que lhes serão propostos.

Plano Frontal tem como destinatários os alunos em final de curso que frequentem Escolas do Ensino Superior de Cinema e de Audiovisuais, ou que tenham concluído recentemente a sua formação.

Os participantes serão selecionados através da análise de candidaturas, e serão orientados por Pedro Sena Nunes, realizador/tutor com larga experiência profissional e pedagógica. Todo o trabalho será enquadrado e apoiado por uma equipa de produção e uma equipa técnica formada por Carlos Eduardo Viana, Rui Ramos, Joana Bravo e Nuno Ribeiro.

Dirige-se a todos os que procuram viver uma experiência cinematográfica única, cujo objetivo é produzir um documentário e participar nas atividades do festival.

## EQUIPA PLANO FRONTAL



*carLOS eduardo viana*

Carlos Eduardo Viana fez Estudos Superiores em Cinema e Vídeo na Escola Superior Artística do Porto e possui uma licenciatura em ensino. É docente do grupo 200. Coordenou a Oficina de Cinema e Audiovisuais do Centro Cultural do Alto Minho (1981 a 1994) e foi sócio fundador, em 1994, da AO NORTE – Associação de Produção e Animação Audiovisual, ONGD de que é dirigente. Bolseiro do governo francês, frequentou nos Ateliers VARAN, em Paris, dois estágios de cinema direto (iniciação e especialização). Coordena as atividades pedagógicas desenvolvidas pela AO NORTE na área do cinema e dos audiovisuais, os Encontros de Cinema de Viana e o portal na Internet Lugar do Real. Realizou vários documentários em Portugal, Angola e Cabo Verde.



### *PEDRO SENA NUNES*

Estudou cinema e frequentou cursos de escrita, fotografia, vídeo e teatro em diferentes escolas europeias. Co-fundou a Companhia Teatro Meridional. Realiza filmes - documentários, ficções, publicidade e experimentais. É consultor e coordenador de diversos projectos culturais. Co-dirige os Festivais InArte, InShadow e Dança&Design. Colabora nos projectos europeus Fragile, Unlimited e European Video Dance Heritage e nos Encontros de Cinema de Viana. Lecciona nas áreas de realização cinematográfica e narrativas transdisciplinares na ETIC, ESMAE, IPA, SOU e EscreverEscrever. Desde 1994 que se dedica à área pedagógica. Júri em vários festivais. Conta com vários prémios nas áreas da fotografia, vídeo e cinema.



### *RUI RAMOS*

Nasceu em Paris em 1971. Tem formação superior em direito, marketing e promoção turística. É sócio fundador e Director Executivo da AO NORTE – Associação de Produção e Animação Audiovisual, onde assume a produção executiva de documentários e a responsabilidade pela produção dos documentários produzidos no âmbito do curso de documentarismo Olhar o Real. É o produtor executivo dos Encontros de Viana – Cinema e Vídeo (2001-2014). Foi diretor artístico e programador do Festafife – Festival Internacional de Teatro de Marionetas e Cinema de Animação (2007-2011) para a área do cinema de animação. É coordenador e fundador da Minho Film Commission. Trabalha como consultor na área do turismo e é empresário.



### *JOANA BRAVO*

Nasceu em Lisboa, em 1982. Frequentou a Licenciatura de Audiovisual e Multimédia, na Escola Superior de Comunicação Social e Produção e Marketing do Espectáculo na Restart. Trabalha, desde 2006, em produção de cinema e televisão. Trabalhou com diversos realizadores: João Botelho, Catarina Ruivo, Tiago Guedes, Billie August, Vicente Alves do Ó, entre outros. Fez vários trabalhos para a RTP e SIC como o "Conta-me como foi" e "Noite Sangrenta".



### *NUNO CRISTINO RIBEIRO*

Nasceu em Viana do Castelo em Maio de 1981. Entre 2002 e 2007 concluiu os estudos de Cinema e Vídeo na ESAP - Escola Superior Artística do Porto, e cedo embarca na rodagem do seu primeiro filme "Le Jeune Maître", na Guiné Conacri. Após esta primeira estimulante experiência e entre trabalhos como freelancer de repórter de imagem, operador de câmara e editor de vídeo, inicia a sua colaboração com a Associação AO NORTE em 2008, que mantém até hoje, sendo responsável pela gestão do portal Lugar do Real e por projetos de formação, acumulando ainda funções como operador de câmara, editor, pós-produtor e animador gráfico.

# EQUIPA

**FILMES 2014**  
**HOMEM**  
FESTIVAL DE DOCUMENTÁRIO DE  
**MELGAÇO**  
*melgaço documentary film festival*

## **DIREÇÃO**

Executivo Municipal e AO NORTE

## **DIREÇÃO GERAL**

Carlos Eduardo Viana

## **DIREÇÃO DE PRODUÇÃO**

Rui Ramos

## **COORDENAÇÃO TÉCNICA**

Câmara Municipal de Melgaço  
Angelina Esteves

## **COLABORADORES**

Daniel Maciel  
Fátima Chavarria  
Joana Bravo  
Jorge Campos  
José da Silva Ribeiro  
Manuela Penafria  
Margarita Ledo Andión  
Miguel Arieira  
Nuno Cristino Ribeiro  
Patrícia Nogueira  
Pedro Sena Nunes  
Sérgio Bairon

## **DIREÇÃO FINANCEIRA**

António Passos

## **COLABORAÇÃO ESPECIAL**

Albertino Gonçalves  
Álvaro Domingues  
Bernard Despomadères  
Claudie Le Bissonais  
Gérald Bloncourt  
João Pedro Rodrigues  
José Vieira  
Manuel Madeira  
Maria Beatriz Rocha-Trindade  
Maria da Conceição Tina  
Maria Pinto  
Patrick Séraudie

## **REGISTO FOTOGRÁFICO**

Edmundo Correia

## **COLABORADORES**

### **CÂMARA MUNICIPAL DE MELGAÇO**

Casa da Cultura  
Espaço Memória e Fronteira  
Gabinete de Comunicação e Imagem  
Arquivo Municipal  
Estaleiro Municipal  
Museu de Cinema de Melgaço  
- Jean Loup Passek

## **DESIGN**

Rui Carvalho Design

## **WEBDESIGN**

publISITIO® Design e Comunicação

## **ISBN**

978-989-97504-6-3



#### ORGANIZAÇÃO



#### PARCEIRO/ INSTITUCIONAL/



SECRETÁRIO DE ESTADO DA CULTURA



Universidade do Minho



Grupo de Estudos Audiovisuais  
Departamento de Ciências da Comunicação  
Universidade de Santiago de Compostela

#### COLABORAÇÃO



#### PARCEIRO TECNOLÓGICO



#### APOIO À PROGRAMAÇÃO



ANTOINE MARTIN PRODUCTION

Antoine Martin Production  
100 rue de Valenciennes  
75013 Paris  
France

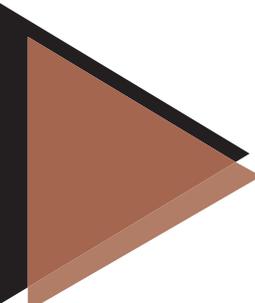


TERRATREME



#### APOIO





## AGRADECIMENTOS

Albertino Gonçalves  
Álvaro Domingues  
Artur Coimbra  
Bernard Despomadères  
Catarina Alves Costa  
Claudie Le Bissonais  
Emanuelle Afonso  
Gérald Bloncourt  
João Artur Pinto  
João Pedro Rodrigues  
José António Cunha  
José Vieira  
Manuel Madeira  
Maria Beatriz Rocha-Trindade  
Maria da Conceição Tina  
Maria Pinto  
Noémie Mendell  
Nuno Pires  
Patrick Séraudie  
Pompeu Martins  
Alcaide de Arbo  
Junta de Freguesia de Castro Laboreiro  
Junta de Freguesia de Cristóval  
Junta de Freguesia de Lamas de Mouro  
Junta de Freguesia de Paderne

## CONTACTOS

### FILMES DO HOMEM

Telm: 00351 962 834 852  
Email: docs@filmesdohomem.pt  
**www.filmesdohomem.pt**

### AO NORTE - ASSOCIAÇÃO DE PRODUÇÃO E ANIMAÇÃO AUDIOVISUAL

Praça D. Maria II, 113, r/c  
4900-489 Viana do Castelo . Portugal  
Tel.: 00351 258 821 619  
Telm.: 00351 962 834 852  
Email: ao-norte@nortenet.pt  
**www.ao-norte.com**

### CÂMARA MUNICIPAL DE MELGAÇO

Largo Hermenegildo Solheiro  
4960-551 Melgaço . Portugal  
Tel.: 00351 251 410 100  
Fax: 00351 251 402 429  
Email: geral@cm-melgaco.pt  
**www.cm-melgaco.pt**



WWW.FILMESDOHOMEM.PT

PORTUGAIS  
S.T. DENIS  
ILLIERS



Município de  
Melgaço



AO NORTE

**FILMES DO** 2014  
**HOMEM**  
FESTIVAL DE DOCUMENTÁRIO DE  
**MELGAÇO**  
*melgaço documentary film festival*



[WWW.FILMESDOHOMEM.PT](http://WWW.FILMESDOHOMEM.PT)

[facebook.com/  
filmesdohomem](https://facebook.com/filmesdohomem)

